

Em Destaque

Fazemos informação

Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos - Curso Tecnológico de Comunicação - Clube de Jornalismo

Ensinar

Ensinar.

Ensinar o que é? É transmitir conhecimentos? É dar saber a quem sabe menos? É levar esse saber, esse conhecimento a pessoas – tantas vezes amorfas – às quais é preciso incutir o gosto por aprender matéria (ou matérias) a que são estranhas? É “obrigá-las” a um mínimo de dedicação que, em muitas circunstâncias, não possuem?

Ensinar.

Ensinar implica levar ao gosto pelo que se ouve, pelo que se diz, como que num mundo novo no qual se desbrava um novo mundo. Do conhecimento e consequentemente, do saber. Por força do diálogo. Por parte de quem expõe, fazendo-se entender em ignorados assuntos.

Ensinar.

Como se pratica? Como interiorizar palavras, ideias, ciência, cujo sentido escapa a raciocínios fugidios longe, infinitamente longe, por desatenção, por desinteresse ou por outro motivo qualquer?

Há culpas? De quem ensina? De quem aprende?

Raramente, a culpa poderá caber a quem ensina. Porque ensinar é gosto, é vocação, é vida dedicada a uma profissão nobre, que, dia-a-dia resulta no ultrapassar de barreiras, de desilusões, de cansaço, de desânimos.

Não se pode tirar um curso superior e, por via dele, ensinar, apenas para ganhar a vida. E se é preciso conquistar o sustento material, que ele não seja à custa do que, quase inevitavelmente, se apresentará como um fracasso. Para professores e alunos, sem coordenar ideias, conceitos, princípios, regras. Ao contrário, se ensinar se confunde com um sacerdócio, se se tentar, a todo o custo, arredar escolhos (e são-no de muita ordem), então a culpa recairá em quem, só aparentemente, quer aprender.

Ensinar.

É simples e complexo. Mesmo que, hora por hora, dia por dia, ano por ano, os resultados sejam insatisfatórios para quem ensina. O vazio do que foi alcançado não exclui a tranquilidade da consciência. Porque houve, no mais amplo sentido da expressão (seja em que sentido for), competência.

Tecida com amor.

Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos

Da História e da Memória



Exposição de Inglês 1988



Festa da Maia 1989



Auto da Barca do Inferno 1990



Viagem a Inglaterra, 1995

Da História e da Memória da escola ficaram centenas de imagens. Não são apenas recordações saudosas, mas é uma forma de marcar vivências. As vivências são História. História relata factos. Factos são realidades. História, em grego, "is", significa ver. Portanto o que é visto, aconteceu. São recordações do ensino mais sério. Imagens ordenadas segundo critérios pré-determinados, como um renovar, actualizando acontecimentos que sucederam em qualquer época, em âmbitos diferentes, culturais, desportivos, históricos, entre outros. No caso, estamos perante um álbum em que se contam algumas actividades de uma escola, Última página

Novo Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior

Lei n.º 30/2002 de 20 de Dezembro de 2002

Aprova o Estatuto do Aluno do Ensino não Superior

A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte:

CAPÍTULO I - Conteúdo, objectivos e âmbito

Artigo 1.º - Conteúdo

A presente lei aprova o Estatuto do Aluno do Ensino não Superior, adiante designado por Estatuto, no desenvolvimento das normas da Lei de Bases do Sistema Educativo, a Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, relativas à administração e

gestão escolares.

Artigo 2.º - Objectivos

O Estatuto prossegue os princípios gerais e organizativos do sistema educativo português, conforme são estatuidos nos artigos 2.º e 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, em especial promovendo a assiduidade, a integração dos alunos na comunidade educativa e na escola, o cumprimento da escolaridade obrigatória, o sucesso escolar educativo e efectiva aquisição de saberes e competências.

Artigo 3.º - Âmbito da Aplicação

continua na página 4



A Biblioteca em 1987

O Regresso à Biblioteca

Uma Biblioteca mais colorida

A espera foi longa, mas finalmente as portas da Biblioteca da escola reabriram-se. Desta vez, quando entrámos nela, deixámos de ver aquela cor de sal-

mão nas paredes e a grossa alcatifa. Para vermos um espaço totalmente diferente, moderno e bastante mais colorido.

Desde mesas individuais, até novos livros, passando pelo sistema audiovisual, esta nova Biblioteca

poderá satisfazer o mais exigente dos alunos.

O chão deixou de ser em alcatifa, tornando-se num alegre vinil em tons de azul e verde. Condição estes com as novas estantes, mesas e ca-

Última página

Televisão – pág. 2

Intersubjectividade e valores – pág. 2

O que é um livro – pág. 3

Fábulas e Poemas – pág. 5

Galinha ao molho pardo – pág. 6 –7

O Sal e a Água – pág. 7

Arroz do Céu – pág. 7

Modos e maneiras – pág. 8

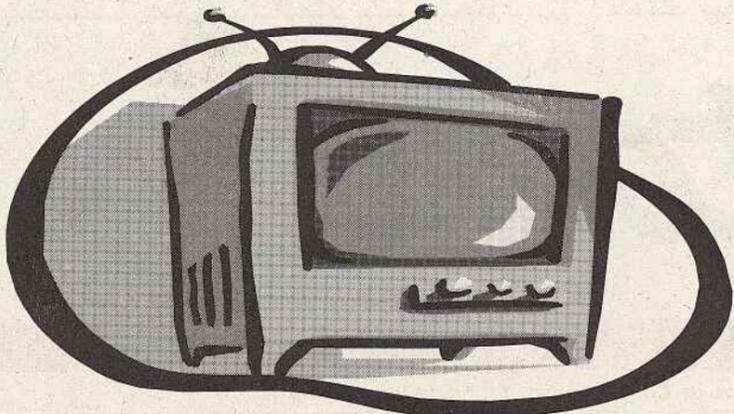
Os Gestos Fatais – pág. 9

Os Cheiros da Terra – pág. 10

Trabalho simplificado – pág. 10

Na Rua ao desbarato – pág. 11

Descubra as diferenças – pág. 11



TELEVISÃO

Mais uma Vez

Não. Não tencionamos falar de "O Elo Mais Fraco". Embora este programa seja um significativo exemplo do que é mau na nossa TV. Desde a produção até à "tia" que o apresenta, rivalizando com os concorrentes, igual nos erros («errare humanu est») e na ignorância, mas perdendo nas interpelações desajustadas e monótonas, sempre iguais na forma e no conteúdo («mais uma vez não chegaram aos mil...»). tocando no ridículo.

Ao que parece, o programa "copia" outro (este britânico) cuja face é dada por uma senhora naturalmente agressiva. Igualmente copiada no estilo, principalmente por Júlia Pinheiro, de passagem bastante melhor, mais convincente do que a substituta. A diferença estará entre uma profissional e uma "tia", à qual terão oferecido a oportunidade de ganhar uns euros.

Quanto à produção, benza-a-deus, poderia aprimorar-se nas perguntas. De facto, as diferenças são abissais em cada ronda. Não se mostra aceitável pedir a um concorrente que conclua um provérbio popular por toda a gente conhecido e, logo a seguir, exigir que se saiba um qualquer acontecimento sucedido em séculos remotos; e, sem soluções de continuidade, pôr-se a questão

de indagar do nome de um vocalista supostamente famoso, às vezes estrangeiro, de uma banda, das milhares que povoam a Rádio.

Acreditamos que o programa visa a Cultura Geral. Mas, entendamo-nos, há limites para o que se define como Cultura Geral. Principalmente não se misturem alhos com bugalhos.

Depois, vem a "tia". Que repetimos- está muito arredada do que é Cultura Geral. Na aparência nem se dá ao trabalho de ler o questionário e, por seu turno, indagar do modo como se pronunciam determinadas palavras. Vem a propósito referir que o estádio de futebol do Barcelona não é Campo Nu, mas sim Campo Nou.

Por último, lamenta-se que um programa teoricamente elaborado para ensinar, não exceda o âmbito de uma forma pouco amena de induzir, aqui e além, ao riso, quando não chega à tristeza. É certo que já ouvimos locutores insistirem no "interview", sendo a forma verbal "interview"; quando insistem em mencionar Gibraltar (expressão inglesa), sendo o correcto, em português, "Gibraltar", do árabe Gel-Al-Tarik.

Com tudo isto, acabamos por nos ocupar, ao contrário da intenção inicial, de falar da TV que temos, restringindo-nos a um programa. Aliás, existem outros piores. Um exemplo? O recentíssimo "Bombástico", que este nem tem explicação.

E agora (sem a segura da "tia"), Adeus.

Quem são os nossos amigos?

Carla Nunes, 12º E

Amigos? Sim aqueles que estão sempre connosco em todos os momentos, bons e maus.

Que nos ajudam sempre, de braços abertos.

Sem amigos a nossa vida não tem grande sentido.

Dão-nos ânimo, fazem-nos rir. Fazem e dão tudo aquilo que podem. Sentimo-nos protegidos. Confiamos, por termos um bom amigo. Um bom companheiro.

Para mim. Um amigo tem de ser muito verdadeiro e divertido. Distingo amigo de conhecido. A pessoa que conhecemos ontem,

ou na semana passada, não faz nem dá aquilo que um amigo pode dar e fazer porque não pode. É conhecido. Mas ainda não conhecemos por dentro. Nunca pode estar tão perto como o verdadeiro amigo.

Nem sempre temos sorte com os amigos. Até mesmo com aqueles que julgamos serem os melhores. Traiem a nossa confiança, magoam-nos a sério. Para que isto não aconteça tem que se saber escolher os amigos.

E mais: se eles existem mesmo, então porque esperamos e não os

INTERSUBJECTIVIDADE E VALORES

Valter Gaspar

Ao confrontar-se consigo mesmo, o ser humano interroga-se acerca do modo concreto de conduzir a sua vida, reflectindo e avaliando as múltiplas possibilidades que o seu comportamento poderá apresentar ao longo da sua "curta" e, por vezes, "precária" existência. Constitui-se como exigência do percurso, justificar as suas opções mediante a atribuição de um valor moral que lhes reconheça dignidade.

Vivemos numa época (como tantas outras) em que a necessidade voraz de encontrar um sentido para a conduta se converte em urgência vital de salvação do próprio ser humano. Perante esta evidência inquestionável, a problemática dos valores ergue-se enquanto reflexão inadiável que cabe a cada um realizar e da qual possamos colectivamente colher frutos, traduzidos numa prática onde cada um se sinta verdadeiramente comprometido e implicado perante as opções (decisões) que em consciência tomou.

Evidentemente falamos de um terreno que não é pacífico. A problemática dos valores tem sido objecto de uma ampla reflexão e das mais variadas considerações filosóficas. Os valores são objectivos ou subjectivos? Existem valores absolutos, ou o universo dos valores é relativo? Actualmente vive-se uma crise marcada pela ausência de valores, ou por uma mutação profunda dos mesmos? Estas são algumas das interrogações para as quais não

se encontram respostas imediatas e eficazes que forneçam ao ser humano a tranquilidade e o conforto fruídos, quando este adquire bens de consumo para satisfazer uma qualquer necessidade. Porém, é precisamente nesta constatação que se instala o pessimismo, perigosamente resvalando para o exagerado relativismo e no limite impotência e/ou indiferença.

O próprio discurso tem sido expressão de inconsequentes construções que, embora imbuídas de um elaborado e complexo academismo, não conseguem satisfazer esta necessidade vital do ser humano mais simples. A sociedade tem frequentemente produzido os sintomas desta "doença" contemplando-nos a cada dia com inquietantes revelações que acentuam a falência do diálogo, pondo em causa até, as mais puras intenções pedagógicas dos educadores.

Com efeito, assistimos à difusão por toda a parte, de um individualismo hedonista e narcísico que condena as relações sociais ao vazio porque, verdadeiramente, elas já não o são. Não querendo cair em lugares comuns, podemos afirmar que o diagnóstico às hodiernas sociedades ocidentais espelha uma cultura de um consumismo desenfreado e do espectáculo mediático que privilegia a indiferença do indivíduo narcísico, limitado às experiências imediatas e procurando a sua identidade à margem de toda a relação com o outro (eventualmente nos actos de consumo que efectua/prática). É este universo

de aparências, de mercadorias que constantemente palpita por sensações novas, mas sempre fluidas e sem consistência, que traduz a dissolução das relações sociais e aprofunda o fosso que nos separa uns dos outros.

É precisamente nesta mundividência marcada por uma cultura neoliberal e mercantilista, vagueando ao sabor da sensação de que "tudo se compra e vende", que o ser humano emerge como "resíduo coisificado", alienado da sua irredutível condição de

dualismo que contamina e ameaça grupos, instituições (escola incluída) e a sociedade. Enquanto educadores, sejamos capazes de incutir aos jovens a importância da vinculação (antes de tudo a si mesmos) a referenciais normativos/valorativos que exprimam o respeito e a tolerância numa sociedade constituída por pessoas.

Tarefa hercúlea, a de desconstruir os discursos que recusam as vinculações do ser humano pois, demagogicamente, aí projectam um impedimento à autenticidade do



"pessoa". Esquecido este quadro de referência, como tantos outros, restar-nos-á a tarefa de assistirmos passivamente à perda da subjectividade e, logicamente, da intersubjectividade?

Perante a equação, urge estabelecer um ponto de partida metodológico radicado na incontornável expressão Heideggeriana, segundo a qual, "estar no mundo é estar com... (os outros)". Não podemos furtar-nos à denúncia deste indivi-

próprio. Contudo, neste contexto não há lugar às tarefas fáceis e, por isso, recuperando o ideal de Sartre, tomemos consciência que "o ser humano está condenado a ser livre" tendo, por conseguinte, que "fazer um uso responsável da sua liberdade". Da rapidez da assunção desta tarefa dependerá o êxito de escolhas autonomamente efectuadas, ou o tributo de termos sido "escolhidos" na deriva das circunstâncias. ■

procuramos?

Aqui ou ali encontramos sempre alguém com quem podemos partilhar grandes momentos, desabafar, rir, chorar, gritar, saltar. Precisamos deles para toda a vida, e eles de certeza que gostam de estar por perto.

Um amigo é um bem,



Um tesouro que se tem. São as vozes das estrelas que Nos guiam aqui e mais além São os momentos bons e maus, Nesta estrada percorrida.

Digo mais: não vos trocava por nada desta vida! E talvez, um dia,

Chegue a hora do Adeus. Deixar-vos-ei, com pena, amigos meus, Mas mesmo longe, vós estais perto, Ao pé de mim Pois entre amigos, Entre amigos é assim.

Um amigo é um irmão Nosso pensamento, nossa mão. Tu amigo, que aqui estás pr'a ti canto esta canção. O tempo voa. Neste momento E já estamos de partida Digo mais: não vos trocava Por nada desta vida. E talvez, um dia, Chegue a hora do Adeus. Deixar-vos-ei, com pena, amigos meus, Mas mesmo longe Vós estais perto Ao pé de mim. Pois entre amigos, Entre amigos é assim.

Fonte: Cancioneiro Geral -1998 Corpo Nacional de Escutas

Em Destaque

GABINETE EDITORIAL

Clube de Jornalismo

Curso Tecnológico

de Comunicação

11º E - 12º E

PROFESSORES

Ariete Leitão

Filipe Pires

Margarida Lucas

APOIO TÉCNICO

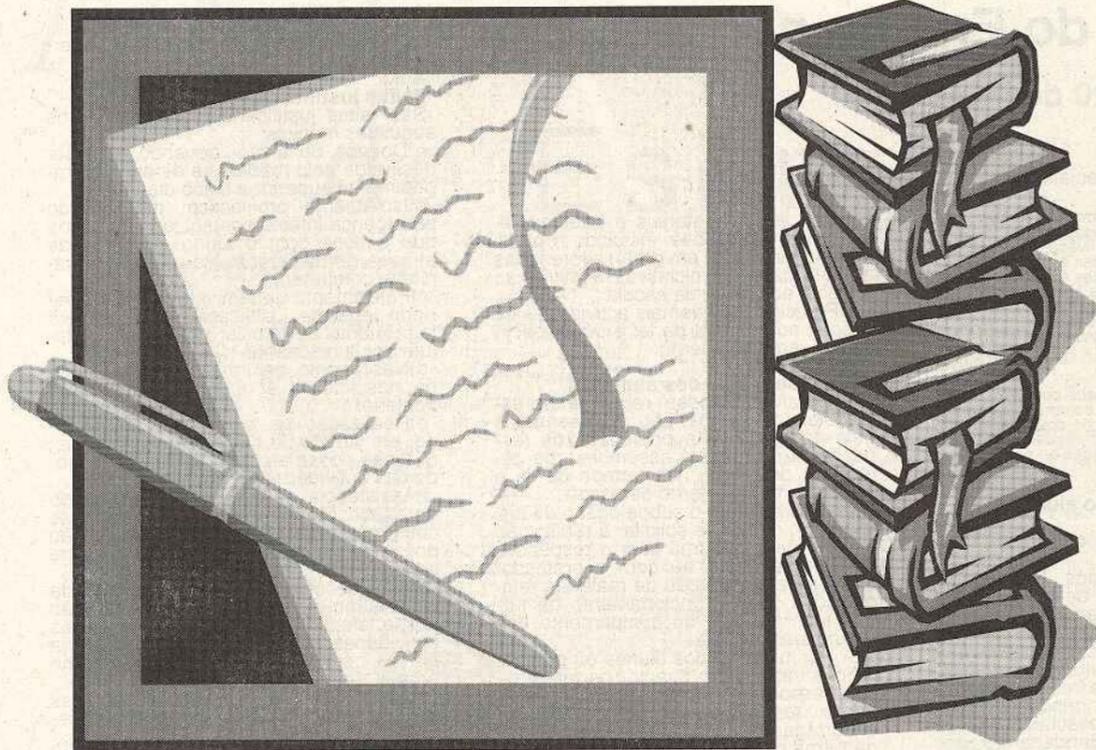
CARLOS MARTINHO SIMÕES

ESCOLA SECUNDÁRIA

DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARÇO 2003

N.º 30



o que é um livro

O que dele pensam alguns escritores e filósofos

Os mais variados escritores, passando também por filósofos, todos eles tem uma ideia diferente do que é um livro.

Uns pensam que um livro é apenas um objecto, ou algumas folhas de papel juntas umas às outras. Mas nem todos pensam da mesma forma. Ainda existem pessoas sensatas que sabem dar o verdadeiro valor a um livro. Para alguns escritores, o livro é algo muito importante para a sociedade, algo que nos pode ajudar no dia-a-dia.

Não são só os livros novos que são importantes, os livros antigos também têm algum interesse para nós leitores. Vejamos algumas definições do que é um livro.

Um livro é uma sessão de pequenos sinais. Apenas isso. Compete ao leitor extrair por si-próprio as formas, as cores e os sentimentos a que esses sinais correspondem.

Anatole France

Os livros encantam-nos até à medula, falam-nos, dão-nos conselhos e ficam unidos a nós por uma espécie de familiaridade de viva e harmoniosa.

Francesco Petrarca

O livro é só o invólucro mortal. A chama do espírito que nele crepita, insinua-se pereneamente pela vida, tanto quanto dela se inspira, porque as criações da arte literária, uma vez partida da mente do poeta, como Pallas do crâneo de Zeus, põem-se a viver conosco, a advertir-nos, a contrariar-nos ou guiar-nos, cada personagem a continuar sua biografia, como figura de uma tela que descesse de entre a moldura da parede e compassasse a sua marcha pela nossa, sombra amiga logo familiar, sem anacronismo e sem surpresa.

Fidelino de Figueiredo

Os livros são como os homens, que, quicá de serem seus filhos, herdaram deles esta ruim disposição. Vereis acaso um homem de gentilíssima presença, finas cores, compassados movimentos; e, quando o julgais um símbolo, cofre ou casa de saúde, vos desenrola um aranzel dos achaques que padece, tal, que só de o ouvirdes ficais enfermo. Assim sucede com um livro que, apesar do fortíssimo próspero, do aplauso dilatado

da opinião estrondosa, lá por dentro padece seus trabalhos; que melhor se encobrem que remedeiam.

D. Francisco Manuel de Melo

O bem de um livro reside em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem olhos que o leiam, um livro é portador de signos que não produzem conceitos, e portanto é mudo.

Umberto Eco

Livro que não é lido, não é livro que não exista; e as obras máximas, se são sempre lidas - e se chegam ao apreço do grande público, - é porque a crítica as conseguiu impor. (...) A crítica dá vida ao que merece vida, conservando em torno das grandes obras a atmosfera do interesse e da admiração. É por virtude da acção da crítica que a arte mais alta se não perde e afunda, submersa para sempre no oceano imenso dos artistas mediocres ou dos charlatões.

António Sérgio

É preciso olhar os livros por cima do ombro do autor.

Paul Valéry

O grande inconveniente dos livros novos é o de nos impedirem de ler os livros antigos.

Joubert

Já que não podemos ler tantos livros quantos os que pode-

mos ter, basta que tenhamos tantos quantos possamos ler.

Sêneca

Pode-se avaliar a beleza de um livro pelo vigor dos safanões que ele nos deu e pelo tempo que levamos depois a recompor-nos.

Gustave Flaubert

Um livro é obra nossa pela actividade da inteligência, da imaginação, na reconversão dum mundo abstracto de sinais no mundo real para que apontam - e irreal desde a palavra donde procede. Uma palavra designa a coisa real e esfuma o seu contorno.

Vergílio Ferreira

Um livro verdadeiramente novo e original seria aquele que nos fizesse amar velhas verdades.

Vauvenargues

Qualquer livro que alguém a não ser o seu autor poderia ter escrito é apenas bom para deitar fora.

Paul Léautaud

O livro, como incomparável instrumento de cultura (é o único que permite todas as espécies de convivência entre a mensagem, o mensageiro e o receptor), pede imaginação, dinamismo, de que as mais das vezes somos carecidos.

Fernando Namora

Há um livro...

Há um livro singular
Publicado não sei onde,
Cuja leitura é um bálsamo
Para todos os anseios.

Nesse livro não se aprende
Uma ou todas as ciências,
Mas arte difficilima
De ser sempre natural.

Se quisermos, é um espe-
lho
Em que nos vemos por dentro,
Ou janela escancarada
Para os mundos intangíveis.

Faz de chave, se quisermos
Ter recôndita a noss'alma,
Ou abrir o entendimento
Para entrar qualquer verdade.

A certas horas responde
Às perguntas mais subtis
E cura todas as dúvidas
Por mais antigas que sejam.

Se cuidamos ser felizes
Ou nos pesa uma alegria,
Logo nele encontraremos
O melhor dos confidentes.

Se a tristeza nos amarga
Ou esterilmente a sentimos,
Logo nele se torna doce
E nos parece fecunda.

Tudo quanto nos provoque
Ardentes cogitações,
Terá nele um sedativo
Mais eficaz do que a música.

Se nos aflige uma insónia
(Quando invejamos os mortos)
ele conduz-nos pela mão
à margem do rio Letes.

Se temos sono e nos dói
Adormecer como um bicho,
Ele povoa a nossa noite
De sonhos excepcionais.

E se - o que é frequente -
Nem sabemos o que temos,
Basta abri-lo em certa página
E logo em nós se faz dia.



Ciúmes, ódios, intrigas,
Remorsos, vexames... tudo
Encontra nele um afago
Que torna as águas tranquilas!

Agora perguntais:
Mas que livro será esse?
Quem o fez?
Como se chama?
Em que sítio está à venda?

Ah, meus amigos! Por mim,
Sei apenas que ele existe,
Que foi escrito em língua
viva

E é de formato in-oitavo.

Ou ignoro desde sempre
O nome do Autor e o título,
Ou talvez um anjo cábula
Na memória os apagasse.

Desta dúvida nasceu
O vício de ir aos leilões,
De comprar livros inúteis
E devorar os catálogos.

Já em certo alfarrabista
Com notório sobressalto
Julguei vê-lo numa estante,
Mas era um guia turístico!

Na livraria onde eu entro
Mais vezes, há um caixeiro
Que me fita de soslaio,
Pensando não sei o quê.

Em vão percorro e farejo
Com suspeita inquietação
As lombadas dos volumes
Que há nas casas que visito.

Nestas inglórias pesquisas
Já fui à Torre do Tombo
E perdi horas inúmeras
Em diversas bibliotecas.

Resta-me ainda uma
esp'rança:

Declarar publicamente
Que darei por esse livro
Todos os livros que tenho.

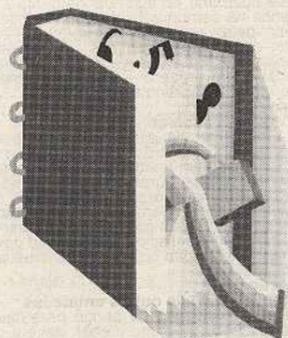
Todos! Antigos, modernos,
Brochados, e encadernados,
Tanto em prosa como em verso,
De autores nossos e estrangeiros;

Até os que me empresta-
ram
E nunca mais devolvi,
Sem esquecer os que me deram
Com belas dedicatórias...

Todos, todos, todos, todos
E são muitos, podem crer -
Dou em troca desse livro
Que por força há-de existir!

Carlos Queiroz

*Cristina Antunes, 12º E
Fonte: Boletim Cultural
VI série - n.º 6 - Março de 1986



O Novo Estatuto do Aluno do Ensino não Superior

Lei n.º 30/2002 de 20 de Dezembro

Continuação da 1.ª página

secundário da educação escolar, incluindo as suas modalidades especiais.

2- O disposto no número anterior não prejudica a aplicação à educação pré-escolar do que no Estatuto se prevê relativamente à responsabilidade e ao papel dos membros da comunidade educativa e vivência na escola.

3- O Estatuto aplica-se aos estabelecimentos de ensino da rede pública, incluindo os respectivos agrupamentos.

4- Os princípios que enformam o Estatuto aplicam-se aos estabelecimentos de ensino das redes privada e cooperativa, que deverão adaptar os respectivos regulamentos internos aos mesmos.

CAPÍTULO II

Autonomia e responsabilidade

Artigo 4.º

Responsabilidade dos membros da comunidade educativa

1- A autonomia administrativa e gestão das escolas e de criação e desenvolvimento dos respectivos projectos educativos pressupõe a responsabilidade de todos os membros da comunidade educativa pela salvaguarda efectiva do direito à educação e à igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso escolares, pela prossecução integral dos objectivos dos referidos projectos educativos, incluindo os de integração sócio-cultural, e pelo desenvolvimento de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia e do exercício responsável de liberdade individual.

2- Enquanto espaço colectivo de salvaguarda efectiva do direito à educação, a escola é insusceptível de transformação em objecto de pressão para a prossecução de interesses particulares, devendo o seu funcionamento ter carácter de prioridade.

3- A comunidade educativa referida no n.º 1 integra, sem prejuízo dos contributos de outras entidades, os alunos, os pais e encarregados de educação, os professores, os funcionários não docentes das escolas, as autarquias e os serviços de administração central e regional com intervenção na área da educação, nos termos das respectivas responsabilidades e competências.

Artigo 5.º

Papel especial dos professores

1- Os professores, enquanto principais responsáveis pela condução de processo de ensino e aprendizagem, devem promover medidas de carácter pedagógico que estimulem o harmonioso desenvolvimento da educação, quer nas actividades da sala de aula quer nas demais actividades da escola.

2- O director de turma ou, tratando-se de alunos do 1.º ciclo do ensino básico, o professor da turma designado por professor titular, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é particularmente responsável pela adopção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe a intervenção dos professores de turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.

Artigo 6.º

Papel especial dos pais e encarregados de educação

1- Aos pais e encarregados de educação incumbe, para além das suas obrigações legais, uma especial responsabilidade, inerente ao seu poder-dever de dirigirem a educação dos seus filhos educando-os, no interesse destes, e de promoverem activamente o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos mesmos.

2- Nos termos da responsabilidade referida no número anterior, deve cada um dos pais e encarregados de educação:

a) Acompanhar activamente a vida escolar do seu educando;

b) Promover a articulação entre a educação na família e o ensino escolar;

c) Diligenciar para que o seu educando beneficie efectivamente dos seus direitos e cumpra pontualmente os deveres que lhe incumbem, com destaque para os deveres de assiduidade, de correcto comportamento escolar e de empenho no processo de aprendizagem;

d) Contribuir para a criação e execução do projecto educativo e do regulamento interno da escola e participar na vida da escola;

e) Cooperar com os professores no desempenho da sua missão pedagógica, em especial quando para tal forem solicitados, colaborando no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos;

f) Contribuir para a preservação da disciplina da escola e para a harmonia de convivência educativa, em especial quando para tal forem solicitados;

g) Contribuir para o correcto apuramento dos factos em processo disciplinar que incida sobre o seu educando e, sendo aplicada a este medida disciplinar, diligenciar para que mesma prossiga os objectivos de reforço da sua formação cívica, do desenvolvimento equilibrado da sua personalidade e da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa e do seu sentido de responsabilidade;

h) Contribuir para a preservação da segurança e integridade física e moral de todos os que participam na vida da escola;

i) Integrar activamente a comunidade educativa no desempenho das demais responsabilidades desta, em especial informando-se, sendo informado e informando sobre todas as matérias relevantes no processo educativo dos seus educandos;

j) Comparer na escola sempre que julgue necessário e quando para tal for solicitado;

k) Conhecer o regulamento interno da escola e subscriver, fazendo subscrever igualmente aos seus filhos e educandos, declaração anual de aceitação do mesmo e de compromisso activo quanto ao seu cumprimento integral.

Artigo 7.º

Responsabilidade dos alunos

Os alunos são responsáveis, em termos adequados à sua idade e capacidade de discernimento, pela componente obrigacional inerente aos direitos que são conferidos no âmbito do sistema educativo, bem como por contribuírem para garantir os demais membros da comunidade educativa e da escola os mesmos direitos que a si próprios são conferidos, em especial respeitando activamente os exercícios pelos demais alunos do direito à educação.

Artigo 8.º

Papel do pessoal não docente das escolas

O pessoal não docente das escolas, em especial os funcionários que auxiliam a acção educativa e os técnicos dos serviços especializados de apoio educativo, deve colaborar no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo e contribuindo, em articulação com os docentes, os pais e encarregados de educação, para prevenir e resolver problemas comportamentais e de aprendizagem.

Artigo 9.º

Vivência escolar

A disciplina da escola deve, para além dos seus efeitos próprios, proporcionar a assunção, por todos os que integram a vida da escola, de regras de convivência que assegurem o cumprimento dos objectivos do projecto educativo, a harmonia de relações e integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual, cívico e moral dos alunos e preservação da segurança destes; a disciplina da escola deve proporcionar ainda a realização profissional e pessoal dos docentes e não docentes.

Artigo 10.º

Intervenção de outras entidades

Perante situação de perigo para saúde, segurança ou educação do aluno menor, deve a direcção da es-

cola diligenciar para pôr termo a situação, pelos meios estritamente adequados e com preservação da entidade da vida privada do aluno e da sua família, podendo solicitar a cooperação das autoridades públicas, privadas ou solidárias competentes, nomeadamente da comissão de protecção de crianças e jovens ou, caso esta não se encontre instalada, do representante do Ministério Público junto do tribunal competente em matéria de menores.

Artigo 11.º

Matrícula

A matrícula em conformidade com a lei confere o estatuto de aluno, o qual compreende os direitos e deveres consagrados no presente diploma, para além dos resultantes do regulamento interno da escola, bem como a sujeição ao poder disciplinar.

CAPÍTULO III

Direitos e deveres do aluno

Artigo 12.º

Valores nacionais e cultura de cidadania

No desenvolvimento dos valores nacionais e de uma cultura de cidadania capaz de fomentar os valores da pessoa humana, da democracia, do exercício responsável, da liberdade individual e da identidade nacional, o aluno tem direito e o dever de conhecer e respeitar activamente os valores e os princípios fundamentais inscritos na Constituição da República Portuguesa, a Bandeira e o Hino, enquanto símbolos nacionais, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem e a Convenção sobre os Direitos da Criança, enquanto matriz de valores e princípios de afirmação da humanidade.

Artigo 13.º

Direitos do aluno

O aluno tem direito a:

a) Usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efectiva igualdade de oportunidades no acesso, de forma a propiciar a realização de aprendizagens bem sucedidas;

b) Usufruir do ambiente e do projecto educativo que proporcionem as condições para o seu pleno desenvolvimento físico, intelectual, moral, cultural e cívico, para a formação da sua personalidade e da sua capacidade de auto-aprendizagem e de crítica consciente sobre os valores, o conhecimento e a estética;

c) Ver reconhecidos e valorizados o mérito, a dedicação e o esforço no trabalho e no desempenho escolar e ser estimulado nesse sentido;

d) Ver reconhecido o empenhamento em acções meritórias, em favor da comunidade em que está inserido ou da sociedade em geral, praticadas na escola ou fora dela, e ser estimulado nesse sentido;

e) Usufruir de um horário escolar adequado ao ano frequentado, bem como de uma planificação equilibrada das actividades curriculares e extracurriculares, nomeadamente as que contribuem para o desenvolvimento cultural da comunidade;

f) Beneficiar, no âmbito dos serviços de acção social escolar, de apoios concretos que lhe permitam superar ou compensar as carências do tipo socio-familiar, económico ou cultural que dificultem o acesso à escola ou processo de aprendizagem;

g) Beneficiar de outros apoios específicos, necessários escolares ou às suas aprendizagens, através dos serviços de psicologia e orientação ou de outros serviços especializados de apoio educativo;

h) Ser tratado com respeito e correcção por qualquer membro da comunidade educativa;

i) Ver salvaguarda a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral;

j) Ser assistido, de forma pronta e adequada, em caso de acidente ou doença súbita, ocorrido ou manifestada no decorrer das actividades escolares;

k) Ver garantida a confidencialidade dos elementos e informações constantes do seu processo individual, de natureza pessoal ou familiar;

l) Participar, através dos seus representantes, nos termos da lei, nos órgãos de administração e gestão da escola, na criação e execução do respectivo projecto educativo, bem como na elaboração do regulamento interno;

m) Eleger os seus representantes para os órgãos, cargos e demais funções de representação no âmbito da escola, bem como ser eleito, nos termos da lei e do regulamento interno;

n) Apresentar críticas e sugestões relativas ao funcionamento da escola e ser ouvido pelos professores, directores de turma e órgãos de administração e gestão da escola em todos os assuntos que justificadamente forem do seu interesse;

o) Organizar e participar em iniciativas que promovam a formação e ocupação de tempos livres;

p) Participar na elaboração do regulamento interno da escola, conhecê-lo e ser informado, em termos adequados à sua idade e ao ano frequentado, sobre todos os assuntos que justificadamente sejam do seu interesse, nomeadamente sobre o modo de organização do plano de estudos ou curso, o programa e objectivos essenciais de cada disciplina ou área disciplinar, e os processos e critérios de avaliação, bem como sobre matrícula, abono de família e apoios sócio-educativos, normas de utilização e de

segurança dos materiais e equipamentos e das instalações, incluindo o plano de emergência, e, em geral, sobre todas as actividades e iniciativas relativas ao projecto educativo da escola;

q) Participar nas demais actividades da escola, nos termos da lei e do respectivo regulamento interno.

Artigo 14.º

Representação dos alunos

1- Os alunos, podem reunir-se em assembleia de alunos, são representados pelo delegado ou subdelegado da respectiva turma e pela assembleia de delegados de turma, nos termos da lei e do regulamento interno de escola.

2- O delegado e o subdelegado de turma têm o direito de solicitar a realização de reuniões da turma com o respectivo director de turma ou com o professor titular para apreciação de matérias relacionadas com o funcionamento da turma, sem prejuízo do cumprimento das actividades lectivas.

3- Por iniciativa dos alunos ou por sua própria iniciativa, o director de turma ou o professor titular pode solicitar a participação dos representantes dos pais e encarregados de educação dos alunos da turma na reunião referida no número anterior.

Artigo 15.º

Deveres do aluno

O aluno tem o dever, sem prejuízo do disposto no artigo 7.º e dos demais deveres previstos no regulamento interno da escola, de:

a) Estudar, empenhando-se na sua educação e formação integral;

b) Ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito do trabalho escolar;

c) Seguir as orientações dos professores relativas ao seu processo de ensino e aprendizagem;

d) Tratar com respeito e correcção qualquer membro da comunidade educativa;

e) Ser leal para com os seus professores e colegas;

f) Respeitar as instruções do pessoal docente e não docente;

g) Contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos;

h) Participar nas actividades educativas ou formativas desenvolvidas na escola, bem como nas demais actividades organizativas que requeiram a participação dos alunos;

i) Respeitar a integridade física e moral de todos os membros da comunidade educativa;

j) Prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e moral dos mesmos;

k) Zelar pela preservação, conservação e aseo das instalações, material didáctico, mobiliário e espaços verdes da escola, fazendo uso correcto dos mesmos;

l) Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa;

m) Permanecer na escola durante o seu horário, salvo autorização escrita do encarregado de educação ou da direcção da escola;

n) Participar na eleição dos seus representantes e prestar-lhes toda a colaboração;

o) Conhecer as normas de funcionamento dos serviços da escola e o regulamento interno da mesma e cumpri-los pontualmente;

p) Não possuir e não consumir substâncias aditivas, em especial drogas, tabaco e bebidas alcoólicas, nem promover qualquer forma de tráfico, facilitação e consumo das mesmas;

q) Não transportar quaisquer materiais, instrumentos ou engenhos passíveis de, objectivamente, causarem danos físicos ao aluno ou a terceiros;

r) Não praticar qualquer acto ilícito.

CAPÍTULO IV

Dever de assiduidade

Artigo 17.º - Frequência e assiduidade

1. Para além do dever de frequência da escolaridade obrigatória, nos termos da lei, os alunos são responsáveis pelo cumprimento do dever de assiduidade.

2. Os pais e encarregados de educação dos alunos menores de idade são responsáveis conjuntamente com estes pelo cumprimento dos deveres referidos no número anterior.

3. O dever de assiduidade implica para o aluno crer a presença na sala de aula e de mias locais onde se desenvolva o trabalho escolar quer uma atitude de empenho intelectual e comportamental adequada, de acordo com a sua idade, ao processo de ensino e aprendizagem.

4. A falta é a ausência do aluno a uma aula ou a outra actividade de frequência obrigatória com registo deste facto no livro de ponto, ou de frequência, pelo professor, ou noutros suportes administrativos adequados, pelo director de turma; decorrendo as aulas em tempos consecutivos, há tantas faltas quantos os tempos de ausência do aluno.

5. As faltas resultantes do facto de o aluno não se fazer acompanhar do ma-

terial necessário às actividades escolares são definidas pelo regulamento interno da escola.

Artigo 18.º

Faltas justificadas

São faltas justificadas as dadas pelos seguintes motivos:

a) Doença do aluno, devendo esta ser declarada pelo médico se determinar impedimento superior a cinco dias úteis;

b) Isolamento profilático, determinado por doença infecto-contagiosa de pessoa que coabite com o aluno, comprovada através de declaração da autoridade sanitária competente;

c) Falecimento de familiar, durante o período legal de justificação de faltas por falecimento de familiar previsto no estatuto dos funcionários públicos;

d) Nascimento de irmão, durante o dia do nascimento e o dia imediatamente posterior;

e) Realização de tratamento ambulatorio, em virtude de doença ou deficiência, que não possa efectuar-se fora do período das actividades lectivas;

f) Assistência na doença a membro do agregado familiar, nos casos em que, comprovadamente, tal assistência não possa ser prestada por qualquer outra pessoa;

g) Acto decorrente a religião professada pelo aluno, desde que o mesmo não possa efectuar-se fora do período das actividades lectivas e corresponda a uma prática comumente reconhecida como própria dessa religião;

h) Participação em provas desportivas ou eventos culturais, nos termos da legislação em vigor;

i) Participação em actividades associativas nos termos da lei;

j) Cumprimento de obrigações legais;

l) Outro facto impeditivo da presença na escola, desde que, comprovadamente, não seja imputável ao aluno ou seja, justificadamente considerado atendível pelo director de turma ou pelo professor titular.

Artigo 19.º

Justificação de faltas

1. As faltas são justificadas pelos pais e encarregados de educação ou, quando maior de idade, pelo aluno ou director de turma ou ao professor titular.

2. A justificação é apresentada por escrito com indicação do dia e da actividade lectiva em que a falta se verificou, referenciando os motivos da mesma.

3. As entidades que determinarem a falta do aluno devem, quando solicitadas para o efeito, elaborar uma declaração justificativa da mesma.

4. O director de turma ou o professor titular pode solicitar os comprovativos adicionais que entende necessários à justificação da falta.

5. A justificação da falta deve ser apresentada previamente, sendo o motivo previsível, ou, nos restantes casos, até ao 5.º dia subsequente à mesma.

6. Quando não for apresentada justificação ou quando a mesma não for aceite, deve tal facto, devidamente justificado, ser comunicado, no prazo de cinco dias úteis, aos pais e encarregado de educação ou, quando maior de idade, ao aluno, pelo director de turma ou pelo professor titular, solicitando comentários nos cinco dias úteis seguintes.

Artigo 20.º

Faltas injustificadas

As faltas são injustificadas quando para ela não tenha sido apresentada justificação, quando a justificação apresentada tenha sido fora do prazo ou não tenha sido aceite, ou quando a marcação tenha decorrido da ordem de saída da sala de aula.

Artigo 21.º

Limite de falta injustificadas

1. As faltas injustificadas não podem exceder, em cada ano lectivo, o dobro do número de dias do horário semanal, no 1.º ciclo do ensino básico, ou o triplo do número de tempos lectivos semanais, por disciplina, nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, no ensino secundário e no ensino recorrente.

2. Quando for atingido metade do limite de faltas injustificadas, os pais e encarregados de educação ou, quando maior de idade, o aluno são convocados, pelo meio mais expedito, pelo director de turma ou pelo professor titular com o objectivo de se alertar para as consequências da situação e de se encontrar uma solução que permita garantir o cumprimento efectivo do dever de frequência.

Artigo 22.º

Efeitos da ultrapassagem do limite de faltas injustificadas

Ultrapassando o limite de faltas injustificadas, o aluno fica numa das seguintes situações:

a) Retenção que consiste na manutenção do aluno abrangido pela escolaridade obrigatória, no ano lectivo seguinte, no mesmo ano de escolaridade que frequenta, salvo decisão do conselho pedagógico, precedendo parecer do conselho de turma;

b) Exclusão, que consiste na impossibilidade do aluno não abrangido pela escolaridade obrigatória continuar a frequentar o ensino até final do ano lectivo em curso.

Fábulas de Esopo

O Pavão e o Grou

Talvez vocês não saibam, mas os antigos (e principalmente os Gregos) comiam os pavões como nós hoje comemos os frangos. Consideravam-nos um excelente alimento e criavam-nos juntamente com os outros animais de galinheiro.

Um destes pavões (o pavão mais vaidoso desta terra), não contente com abrir a cauda em leque de cinco em cinco minutos, aborrecia os seus companheiros de capoeira com grandes discursos sobre a sua beleza.

- Olhem para mim, observem-me bem - dizia. - Já alguma vez viram uma ave mais bonita do que eu? Vejam que desenho, que tonalidades brilhantes, que...

Ora, o acaso quis que um grou, em viagem para regiões quentes, aterrasse sobre o tecto da capoeira para aí descansar um pouco. O esvoaçar das suas asas interrompeu o pavão, que lhe dirigiu um olhar ameaçador e prosseguiu:

- ...que delicadeza de tons! Às vezes só consigo sentir pena. No entanto, pensando bem, há ainda quem seja mais feio que vocês. Querem sentir-se melhor? Olhem para aquele passareco lá em cima, com aquele bico desproporcionado e... aquele pescoço inacreditável!

- Isso é para mim, amigo? - perguntou calmamente o grou.

- E para quem mais poderia ser? - respondeu o pavão.

- Bem, se fosse a ti não me inquietaria tanto. Tenho o pescoço comprido, é verdade, é mesmo assim. Quanto a ti, vais ficar com ele mais comprido quando o teu dono to cortar para te meter na panela. Vais ficar tão belo como as galinhas. E enquanto estás para aí a esgravatar e a dizer todos esses disparates, eu parto em direcção ao céu, lá para cima, para o meio das nuvens...

O grou abriu as suas grandes asas, bateu-as três ou quatro vezes e levantou voo, majestoso, a caminho do seu destino, do lado de lá do mar.

Moral da história: frequentemente, uma roupa modesta veste uma pessoa de grande valor, enquanto o luxo e a riqueza escondem muitas vezes uma nulidade.

A Rosa e o Amaranto



Um jardineiro plantou, a pouca distância um do outro, uma roseira e um amaranto. Passados meses, as rosas começaram a abrir e a desabrochar. Era um espectáculo ver o contraste das belas flores vermelho-púrpura, de pétulas carnudas, com o verde das folhas.

O amaranto, que tinha um excelente feitio e não era nada invejoso, não se cansava de admirar a sua vizinha. Um dia disse-lhe:

- Como és bela! Todos te amam e admiram. O apaixonado oferece as tuas flores à sua amada, o perfumista colhe-as para fazer delicados perfumes. As tuas magníficas flores servem para enfeitar as mesas. Às vezes tenho vontade de estar no teu lugar mas, no fundo, basta-me olhar-te para me sentir feliz, e agradeço ao céu ter-me colocado junto a ti, para viver na sombra do teu esplendor...

- Agradeço-te as tuas belas palavras, querido amaranto - respondeu a roseira, com um suspiro. - Infelizmente nem tudo o que reluz é ouro. É verdade que as minhas flores são belas, mas que é que acontece se ninguém passar para as colher? Em poucos dias murcham e inclinam-se, tristes, deitando a cabeça sobre os meus ramos. É verdade que tu chamas menos a atenção, mas se o jardineiro te plantou junto a mim, por alguma razão foi. Quando eu estiver despida e só mostrar os meus feios braços espinhosos, tu continuarás florido. Então, todos os que passarem por aqui não vão olhar para mim. Vão admirar-te e pensar: "Como é que nunca o tinhamos visto?"

Esta fábula ensina-nos que é melhor viver uma vida longa e serena com o pouco que se tem, do que viver com comodidade e riqueza durante algum tempo e depois perder os bens, talvez a saúde ou mesmo a própria vida.

Recolha realizada por Ágata e Raquel, 7.º C.

Clube de Jornalismo



Poesia todo o ano

As Janeiras

Um raminho, dois raminhos
Cada ramo seu enfeitio;
Viva o dono desta casa
Que esta vai a seu respeito.

Um raminho, dois raminhos,
Três raminhos em flor,
Vivam também os seus fiços
Que esta vai em seu favor.

Levante-se daí senhora,
Do seu tão rico banquinho;
Venha-nos dar a Janeira,
Em louvor do deus Menino.

Vinde-nos dar a Janeira,
Se no-la houverem de dar;
Nós somos de muito longe,
Não podemos cá voltar
Teófilo Braga

São Valentim

Não trago rosas no peito
Nem maldade na mão.
Trago apenas o teu nome
Gravado no meu coração.

Oh, meu amor, meu amor,
Oh, meu amor, meu alheio,
Quando eu casei contigo
Tinha dezasseis anos e meio.
Tinha dezasseis anos e meio
Tinha dezasseis para dezassete
anos
Quando eu casei contigo
Já sabia os teus enganos.

A flor nasce da silva
A silva nasce do chão
O amor que sinto por ti
Nasce do fundo do coração.
Popular (Recolha de Sara Batista em entrevista a sua bisavó Ricardina Bernardina)

Tenho sede não de água,
Tenho fome não de pão,
Tenho sede dos teus lábios,
Tenho fome do teu coração.

A vida é tão linda
Quando se ama alguém
Também eu te amo
Como nunca amei ninguém.
Sara Batista, 9.º B

Carnaval

A rainha da fantasia
Foi-se mascarar,
Como já fantasiada era,
Não se pôde disfarçar.
Sara Batista, 9.º B

Páscoa no Minho

É tempo de Páscoa no Minho florido
Já se ouvem os trinos dos sinos festeiros

Na igreja vestida de branco vestido,
Entre o verde manso dos altos pinheiros.

Caminhos de aldeia, que o funcho recobre,
Esperam, cheirosos que passe o
"compasso"

A casa do rico, cabana do pobre...
Já voam foguetes e pombas no espaço!

Haverá visita mais honrosa e bela?
Famílias ajoelham. A cruz é beijada.
(Pratos de arroz-doce, com flores de canela.
Aguardam gulosos na mesa enfeitada.)

Santa Aieluia! Oh, festa maior!
Haverá mais bela e honrosa visita?
É tempo de Páscoa! O Minho está em flor!
Em cada alma, Jesus ressuscita!
António Manuel Couto Viana

Quadras ao S. João

São João,
Contigo não estou só.
És o Santo popular
Da vila de Figueiró.
Ágata, 7.º C

Na noite dos manjericos
Vão no balão mais uns
cobres;
Brincamos vida de rico
Vivemos vida de pobres.
Zé do Norte, 1977

Sou velhinho, S. João,
Mas não nego que me
afoite
A ir de ramo e balão
Nos braços da tua noite!
Abílio de Oliveira, 1970

São Martinho

No dia de S. Martinho
Vai à adegas
E prova o vinho.

Fim de Outono

Fim de Outono... Folhas
mortas...
Sol doente... Nostalgia...

Tudo seco pelas hortas,
Grandes lágrimas no chão...
Nem uma flor pelos montes;
Tudo numa quietação...
Soluça numa oração
O triste cantar das fontes.

Fim de Outono... Folhas
mortas...
Sol doente... Nostalgia

A Terra fechou as portas
Aos beijos do Sol ardente,
E agora está na agonia...
Valha à Terra agonizante
A Santa Virgem Maria!

Fim de Outono... folhas
mortas...
Sol doente... Nostalgia...
Fernanda de Castro

Pai Natal

Ho, ho, ho, ho, ho, ho

O céu estrelado e breu
De repente estremece
Com aquele riso estrondoso
Que toda a gente conhece

Ho, ho, ho, ho, ho, ho
Alegra-se a criançada
O Pai Natal já chegou
Com a sua alegre gargalhada

Carros, bonecos, aviões,
Bicicletas, triciclos e violas
Até aos adultos ele traz
Ferramentas para as suas
bricolias

No meio de tanta alegria
Solta-se um desejo profundo
Que o Pai Natal traga no
saco
Paz e amor a todo o mundo.
Ho, Ho, Ho! FELIZ NATAL!
Ágata, 7.º C

Recolha de Ágata Santos e Sara Batista, Clube de Jornalismo

de La Fontaine



O corvo e a raposa

É fama que estava
o corvo
Sobre uma árvore
pousado,
E que no sófrego
bico

Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro àquele sítio
Veio a raposa matreira,
A qual, pouco mais ao menos,
Lhe falou desta maneira:

"Bons dias, meu lindo corvo;
És glória desta espessura;
És outra fénix, se acaso
Tens a voz como a figura!"

A tais palavras o corvo
Com louca, estranha afoiteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,
E diz: "Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
À custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,
Tem destas para teu uso."
Rosna então consigo o corvo,
- Envergonhado e confuso:

"Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me dela;
Mas esta logo me livra
De cair noutra esparrela."

Tradução de Bocage

O leão que vai à guerra

Tendo o leão na ideia certa empresa,

Fez conselho de guerra;
E a todos animais mandou
aviso

Por seus régios alcaides.
Cada um, por seu teor, en-
trou no alvitre:

Às costas do elefante
Levar quantos apetrechos
importasse,

E pelejar, como usa;
Para os assaltos, o urso,
aparelhar-se;

Engenhar-se o raposo
A ter inteligências no inimi-
go.



E diverti-lo o mono

Com suas mogigangas. Alguém disse
Que despedidos fossem,
Por boto o burro, e por medrosa a le-
bre.

"Oh, não! - disse o monarca -
Quero empregá-los: nem
completo fora
Sem eles nosso exército.
De trombeta, que espante,
sirva o burro;
E a lebre de correio."
Do mais ténue vassalo o rei
prudente
Tirar proveito sabe:
Todo o talento emprega;
nada é inútil,
Onde o bom senso lavra.

Tradução de Filinto Elísio

Galinha Ao Molho Pardo

In "O menino no Espelho" de Fernando Sabino, Ed Record, 1982

Ao chegar da escola, dei com a novidade: uma galinha no quintal.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outra de manga coração-de-boi, um pé de gabirola, um de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. No fundo, junto do muro, um bambuzal. De um lado, o barracão com o quarto de Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. Eu brincava de fazer túnel de guerra com soldadinhos de chumbo, trincheira e tudo. Deixei de brincar ali quando começaram a aparecer na areia os montinhos fedorentos de cocó de gato. Os gatos quase nunca apareciam, a não ser de noite, quando a gente estava dormindo. De dia se escondiam pelos telhados. Tinham medo de Hindemburgo, que era mesmo de meter medo, um pastor alemão deste tamanho. Não sabiam que Hindemburgo é que tinha medo deles. Cachorro com medo de gato: coisa que nunca se viu. Quando havia um gato, Hindemburgo metia o rabo entre as pernas e fugia correndo.

Pois foi no quintal que eu vi a galinha, toda folgada, ciscando na caixa de areia. Havia sido comprada por minha mãe para o almoço de domingo: Dr. Junqueira ia almoçar em casa e ela resolveu fazer galinha ao molho pardo.

Eu já tinha visto a Alzira matar galinha, uma coisa horrível. Agarrava a cotada pelo pescoço, agachava, apertava o corpo dela entre os joelhos, torciam com a mão esquerda a cabecinha assim para um lado, e com a direita, zap! Passava o facão afiado, abrindo um talho no gôgô. O sangue esguichava longe. Ela aparava logo o esguicho com uma bacia, deixando que escorresse ali dentro até acabar. E a bichinha ainda viva, estrebuchando nas mãos da malvada. Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, a Alzira me contou o que ia acontecer com a nova galinha.

Revoltado, resolvi salvá-la.

Eu sabia que o Dr. Junqueira era importante, meu pai dependia dele para uns negócios. Pois no que dependesse de mim, no domingo ele ia poder comer de tudo, menos galinha ao molho pardo.

Era uma galinha branca e gorda, que não me deu muito trabalho para pegar. Foi só correr atrás dela um pouco, ficou logo cansada. Agachou-se no canto do muro, me olhou de lado como as galinhas olham e se deixou apanhar.

Não sei se percebeu que eu não ia lhe fazer mal. Pelo contrário, eu pretendia salvar a sua vida. O certo é que em poucos minutos ficou minha amiga não fugiu mais de mim.

- O seu nome é Fernanda - falei então. E joguei um pouquinho de água na cabecinha dela: - Eu te baptizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Assim que escureceu, ela se empoleirou muito fagueira num galho da goiabeira, enfiou a cabeça debaixo da asa e dormiu. Então eu entendi porque dizem que quem vai para cama cedo dorme com as galinhas.

No dia seguinte era sábado, não tinha aula. Passei o tempo inteiro brincando com ela. Levei horas lhe ensinando a responder sim e não com a cabeça:

- Você sabe o que eles estão querendo fazer com você, Fernanda?

Ela mexia a cabecinha para os lados, dizendo que não.

- Estão querendo matar você para comer. Com molho pardo.

Os olhinhos dela piscavam de susto. O corpo estremeceu e ali mesmo, na hora, ela botou um ovo. De puro medo.

- Mas eu não vou deixar - procurei tranquilizá-la, apanhando o ovo com cuidado, para enterrar na areia depois e ver se nascia pinto.

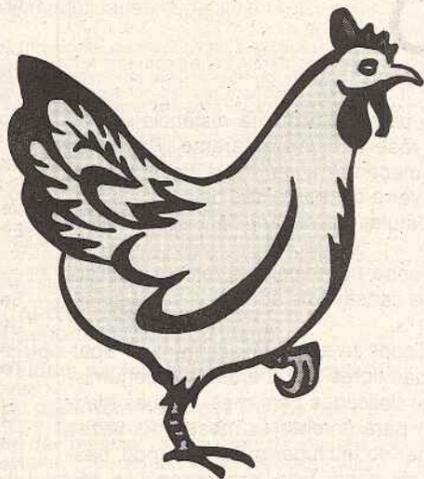
E acrescentei:

- Hoje não precisa de ter medo, que o perigo vai todo ser amanhã.

Eu sabia que para fazer galinha ao molho pardo tinham de matar quase na hora, por causa do sangue, que era aproveitado para preparar o molho.

- Vou esconder você num lugar que ninguém é capaz de descobrir.

Junto do tanque de lavar roupa costumava ficar uma bacia grande de enxugar. A Maria lavadeira só ia voltar na segunda-feira. Antes disso ninguém ia mexer naquela bacia. Assim que escureceu, escondi a Fernanda debaixo dela. Fiquei com pena de deixar a cotada ali sozinha:



- Você se importa de ficar aí debaixo até passar o perigo?

Ela fez com a cabeça que não.

- Então fica bem quietinha e não canta nem cacareja nem nada. Principalmente se ouvir alguém andando aqui fora.

Ela fez com a cabeça que sim.

- Amanhã, assim que puder eu volto. Dorme bem, Fernanda.

Naquela noite, para que ninguém desconfiasse, jantei mais cedo e fui dormir com as galinhas.

Na manhã de domingo me levantei bem cedo e fui dar uma espiada na Fernanda. Encontrei a pobrezinha mais morta que viva debaixo da bacia. Mais um pouco e nem ia ser preciso a Alzira usar o facão. Não sei se por falta de ar, por causa da fome, da sede ou de tudo isto junto: ela estava deitada de bico aberto e os olhos meio fechados de quem já desistiu de viver.



Água era fácil, eu trouxe um pouco numa tigelinha, despejei pelo bico adentro e ela se reanimou.

Mas como arranjar comida sem chamar a atenção de ninguém? Ainda não tinha notado a falta da galinha, nem mesmo pensado em trazer alguma coisa para ela comer. Que diferença fazia? Se ia ser comida naquele dia mesmo?

O jeito foi furtar um pouco do milho do Godofredo, que no seu poleiro, correntinha presa no pé, acompanhava tudo com ar intrigado. A galinha come milho e o papagaio leva a fama! - ele parecia dizer. No que tirei o milho, disparou a berrar:

- Socorro! Socorro! Pega ladrão!

O diabo do papagaio não gostava de mim, eu sabia. Era do Toninho, meu irmão, a quem dava o pé, todo lampeiro, e ainda abaixava a cabecinha para um cafuné. Ai de mim, se quisesse fazer o mesmo: me pespegava uma bicada na mão.

- Cala a boca, Godofredo.

- Cala a boca já morreu! Quem manda aqui sou eu!

Joguei na cara dele o resto da água da tigelinha:

- Toma, seu desgraçado, para você aprender.

- Socorro! Socorro! Pega ladrão! - berrava ele, batendo as asas.

Tamanho foi o escarcêu que o Godofredo aprontou, que acabou caindo do poleiro e ficou dependurado pelo pé. Foi o tempo de esconder a Fernanda debaixo da bacia e me escafeder correndo pelo porão adentro. A Alzira já batia os chinelos escada abaixo com as suas pernas compridas, faca na mão, à procura da galinha. Ao ouvir aquele berreiro, veio ver o que estava acontecendo:

- Que é que esse bicho tem? Não fala nada que preste e de repente destampa essa gritaria toda!

O papagaio tentava com muito esforço voltar ao poleiro, subindo com a ajuda do bico pela própria correntinha e se balançando de um lado para o outro. Olhava com raiva para a cozinheira, como a dizer: essa miserável nem para me dar uma mãozinha. Ela também não achava lá muita graça no Godofredo. Dizia que ele não servia para nada, só sabia sujar de titica o chão todo debaixo do poleiro, e ela tinha de limpar.

- Que é que você quer, coisa ruim? Quem é que é ladrão?

O bicho tinha conseguido com muita dificuldade empoleirar-se de novo, depois de despencar algumas vezes.

Ofegante, entortou a cabecinha e encarou a cozinheira:

- Sua galinha! Sua galinha!

O Godofredo já havia xingado a Alzira de nomes feios, de modo que ela achou desaforo ser chamada de galinha. E respondeu no mesmo tom, brandindo o facão para o papagaio:

- Galinha é você! Galinha verde!

- Lá do fundo escuro do porão, onde tinha ido me esconder, vi a Alzira olhar ao redor:

- Quer dizer vagabunda - respondi, a cara mais séria deste mundo.

A Alzira arregalou os olhos, ergueu no ar o facão:

- Vagabunda? Está me chamando de vagabunda? Nabacinho é você, seu bicho ordinário! Não sei onde estou que não te corto o pescoço, asso no espeto e como, ouviu? E ainda chupo os ossinhos um por um!

Ela correu de novo os olhos em torno:

- Por falar em comer: "quêde" a galinha? Já está na hora de fazer almoço. Onde é que ela se meteu?

- Não sei...

- Você não estava brincando com ela ontem, menino?

- Isso foi ontem. Hoje eu não vi ela ainda.

- Será que fugiu? Ou alguém roubou?

E ela olhou para o papagaio, cismada agora com o silêncio dele:

- Vai ver que é por isso que esse Nabacinho de uma figa estava gritando pega ladrão. Algum ladrão de galinha.

Agarrei a ideia no ar, era a salvação:

- Isso mesmo! Quando eu estava ali no quintal vi um homem passar correndo... Levava uma coisa escondida embaixo do paletó. Só podia ser a galinha.

A Alzira não parecia acreditar muito na história. Pelo contrário, ficou mais desconfiada. E naquele exacto momento a Fernanda resolveu se mexer debaixo da bacia, fazendo um barulhinho na lata com o bico e com os pés. Continuei sentado e, para disfarçar, comecei a bater com os dedos na bacia como se tocasse tambor. A galinha deve ter entendido, pois logo ficou quieta. Mas a Alzira continuava com ar de desconfiança:

- Esse menino está com um jeito muito velho... Sei não... Alguma ele andou fazendo.

E saiu pelo quintal, à procura da galinha, olhando aqui e ali: nos galhos das árvores, atrás do barracão, no meio dos bambus. Depois foi contar para mamãe que a galinha havia sumido.

Fui atrás, para o que o desse e viesse. Escutei tudo. Mamãe torcia as mãos:

- E agora, como vai ser? Como é que ela foi sumir assim, sem mais nem menos?

- Sei lá - respondeu a Alzira: - Não acredito que tenham roubado, como diz o Fernando. Vai ver que saiu voando e pulou o muro. Bem que eu pensei em cortar as asas dela e me esqueci. Agora é tarde.

E a cozinheira me apontou:

- Para mim, a gente anda precisando de cortar as asas é desse menino.

- Está quase na hora de almoço - disse minha mãe: - O Dr. Junqueira está para chegar de uma hora para outra, e como é que a gente vai fazer sem a galinha? O Domingos vai ficar aborrecido.

Dali a pouco era o meu pai quem chegava da rua, trazendo o jornal de domingo debaixo do braço. Quando mamãe lhe deu a triste notícia, para surpresa minha e dela, ele não se aborrecceu:

- Faz outra coisa, Macarrão, por exemplo. O Dr. Junqueira é bem capaz de gostar de macarrão.

E foi ler o jornal na varanda.

Filho de italiano, quem gostava de macarrão era ele. E da macarronada que a Alzira fazia todo o mundo gostava.

Pois o Dr. Junqueira não só gostou, como repetiu duas vezes, para grande satisfação de mamãe. Papai abriu uma garrafa de vinho daquelas de cestinha de palha, e os dois a esvaziaram, depois de dar um pouquinho para mim e meus irmãos, com água e açúcar. Guardanapo enfiado no colarinho, o Dr. Junqueira limpou os bigodes, satisfeito:

- Ainda bem que era essa macarronada tão boa. Eu estava com medo que fosse galinha. Se tem uma coisa que eu detesto é galinha. Principalmente ao molho pardo.

Nem por isso senti que minha amiga Fernanda não estava mais condenada à morte. Mesmo porque, meu pai gostava também de galinha, com ou sem Dr. Junqueira. Por outro lado, ela não podia ficar escondida o resto da vida (eu não tinha a menor ideia de quanto tempo vivia uma galinha). E na manhã seguinte a Maria viria lavar roupa, ia descobrir a Fernanda encolhida debaixo da bacia.

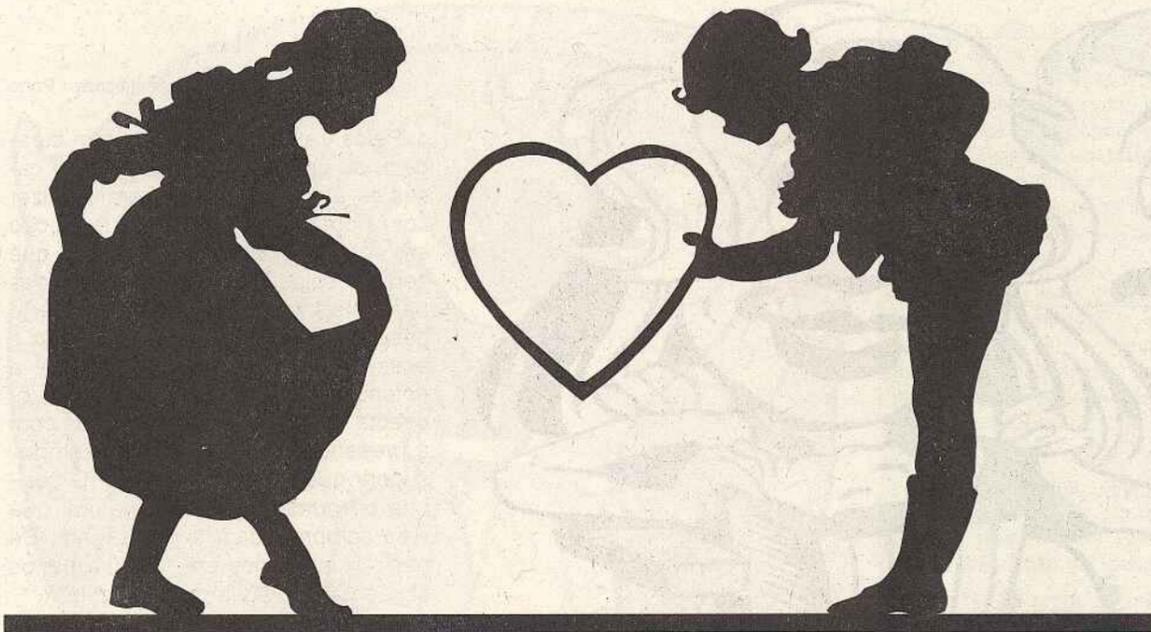
Depois que o almoço terminou e o Dr. Junqueira se despediu, fui lá perto do tanque fazer uma visitinha a ela, resolvido a ganhar tempo:

- Você hoje ainda vai dormir aí, mas amanhã eu te solto, está bem?

Ela fez que sim com a cabeça.

Deixei água na tigelinha e mais um

Página 8



O SAL E A ÁGUA

de Teófilo Braga

Um rei tinha três filhas, perguntou a cada uma delas por sua vez, qual era a mais sua amiga? A mais velha respondeu:

- Quero mais a meu pai, do que a luz do Sol.

Respondeu a do meio:

- Gosto mais de meu pai do que de mim mesma.

A mais moça respondeu:

- Quero-lhe tanto, como a comida quer o sal.

O rei entendeu por isto que a filha mais nova o não amava tanto como as outras, e pô-la fora. Ela foi muito triste por esse mundo, e chegou ao palácio de um rei, e aí se ofereceu para ser cozinheira. Um dia veio à mesa um pastel muito bem feito, e o rei ao parti-lo achou dentro um anel muito pequeno, e de grande preço. Perguntou a todas as damas da corte de quem era seria aquele anel. Todas quiseram ver se o anel lhes servia: foi passando, até que foi chamada a cozinheira, e só a ela é que o anel servia. O príncipe viu isto e ficou logo apaixonado por ela, pensando que era de família de nobreza.

Começou então a espreitá-la, porque

ela só cozinhava às escondidas, e viu-se vestida com trajos de princesa. Foi chamar o rei seu pai e ambos viram o caso. O rei deu licença ao filho para casar com ela, mas a menina tirou por condição que queria cozinhar pela sua mão o jantar do dia da boda. Para as festas de noivado convidou-se o rei que tinha três filhas, e que pusera fora de casa a mais nova. A princesa cozinhou o jantar, mas nos manjares que haviam de ser postos ao rei seu

pai não botou sal de propósito. Todos comiam com vontade, mas só o rei convidado é que nada comia. Por fim perguntou-lhe o dono da casa, porque é que o rei não comia? Respondeu ele, não sabendo que assistia ao casamento da filha:

- É porque a comida não tem sal. O pai do noivo fingiu-se raivoso, e mandou que a cozinheira viesse ali dizer porque é que não tinha botado sal na comida. Veio então a menina vestida de princesa, mas assim que o pai a viu, conheceu-a logo, e confessou ali a sua culpa, por não ter percebido

quanto era amado por sua filha, que lhe tinha dito, que lhe queria tanto como a comida quer o sal, e que depois de sofrer tanto nunca se queixara da injustiça de seu pai.



Arroz do céu

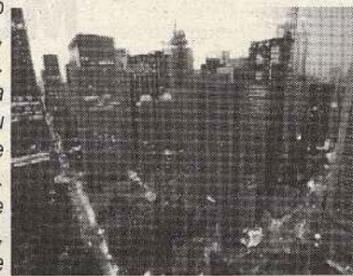
Ao longo dos passeios de Nova Iorque, por sobre as estações e galerias do subway, abrem-se grandes respiradouros gradeados por onde cai de tudo: o sol e a chuva, o luar e a neve, luvas, lunetas e botões, papelada, chewing gum, tacões de sapatos de mulheres que ficam entalados, e até dinheiro. Às vezes, lá no fundo, no lixo acumulado ou em poças de água estagnada, brilham moedas de níquel e mesmo de prata. Os garotos ajoelham de nariz colado às grades, tentando lobrigar tesouros na obscuridade donde sopra um hálito húmido e oleoso e o cheiro dos freios queimados. Fazem prodígios de habilidade e obstinação para pescar as moedas perdidas. Alguns têm êxito nisso, mas depois engalfinham-se em disputas tremendas sobre a posse e a partilha do tesouro: nunca se sabe quem foi que viu primeiro.

Outros, quando a colheita promete, chegam a arriscar nisso algum capital: juntam as posses, e entram dois, é quanto basta, no subway; uma vez lá dentro, trepam subrepticamente aos respiradouros, o que é uma difícil operação de acrobacia, para colher aquele dinheiro-de-ninguém, enquanto um ou mais camaradas vigilantes os vão guiando cá de fora. Também os há que entram sem pagar, por entre as pernas da freguesia e agachando-se por baixo dos torniquetes.

O limpa-vias trabalhava há muitos anos no subway, sempre de olhos no chão. Uma toupeira, um rato de canos. Picava papéis na ponta de um pau com um prego, e metia-os no saco. Varria milhões de pontas de cigarros, na maioria quase intactos, de fumadores impacientes, raspava das plataformas o chewing gum odioso, limpava as latrinas, espalhava desinfetantes, ajudava a pôr graxa nas calhas, polvilhava as vias de um pó branco e misterioso, e todas as vezes que o camarada da lanterna soltava um apito estridulo - lá vem o comboio! - ele encolhia-se contra a parede negra, onde escorriam águas de infiltração, na estreita passagem de serviço. (...) Sempre de olhos no chão, bisonho e calado, como quem nada espera do Alto, e não esperava. A vida dele vinha toda do chão imundo e viscoso. Nem sequer olhava a lívida claridade que resvala dos respiradouros para o negrume interior, onde tremeluzem lâmpadas eléctricas, entre as pilastras inumeráveis daquela floresta subterrânea metalizada: nunca lhos tinham mandado limpar. (...) Nem talvez soubesse que existiam os respiradouros. Era estrangeiro, emigrante, como tanta gente, não brincara nem vadiara na voragem empolgante das ruas da grande cidade, e vivia perfeitamente resignado à sua obscuridade. Devia aquele emprego a um camarada que era membro dum clube onde mandavam homens de peso, mas ele de política não entendia nada, nem fazia perguntas. Como tinha nascido na Lituânia, ou talvez na Estónia, só falava em monossilabos; e, debaixo da pátina oleosa e negra que o ar do subway nela imprimira com o tempo, a sua face era incolor e a raça indistinta. Antes disso tinha trabalhado em escavações, um "toupeira". Este emprego era muito melhor, embora também fosse subterrâneo. E não tinha que falar o inglês, que mal entendia.

Ora, à esquina de certa rua, no Uptown, há uma igreja, a de São João Baptista e do santíssimo Sacramento, a todo o comprimento de cuja fachada barroca e cinzenta os respiradouros do subway formam uma longa plataforma de aço arrendado. Os casamentos são frequentes, ali, por ser chique a paróquia e imponente a igreja. O arroz chove às cabazadas em cima dos noivos, à saída da cerimónia, num grande estrago de alegria. Metade dele some-se logo pelas grelhas dos respiradouros, outra parte fica espalhada nas placas de cimento do passeio. Depois dos casamentos, o sacristão ou porteiro da igreja, de cigarro ao canto da boca, varre o arroz para dentro das grades, por comodidade. Provavelmente é irlandês, o arroz não lhe interessa, nem se ocupa de pombos: pombos é lá com os italianos, que, apesar de se dizerem católicos, são uma espécie de pagãos. O que se derramou no pavimento da rua, lá fica: é com os varredores municipais.

Volta e meia há casório, sobretudo no bom tempo, ou aos domingos. É um desperdício de arroz, não sei de onde vem o costume: talvez seja um prenúncio votivo de abundância, ou um símbolo do "crescei e multiplicai-vos" (como arroz). A gente pára a olhar, e tem vontade





Leitora identificada - Porto

Pelos vistos, a leitora não tem coragem, ou grau de intimidade com o casal de amigos não lhe permite dizer com frontalidade que não quer o cão em sua casa. É claro que esta é que seria a solução ideal, e aos amigos nada mais restaria se não respeitar o desejo da dona da casa. Se tal não é possível, convém que a leitora dê a entender da forma um pouco mais indirecta que se sente incomodada com a presença do cão. Se, por exemplo, sugerir que ele fique fechado na cozinha ou numa varanda, é natural que eles compreendam a mensagem. Se não compreenderem, pelo menos consegue salvar a alcatifa!

Festas de Verão: Não sei que roupa devo usar nas festas de Verão que se dão junto a uma piscina ou num terraço. Procuo ir confortável, mas, por vezes, sinto-me deslocada no meio de pessoas que se aperaltam.

Sandra Gomes- Figueira da Foz

Ser elegante implica vestir-se de acordo com a hora, o lugar e a ocasião. O traje deve ser, nas festas de Verão, informal e prático. Para os homens, o correcto é o chamado traje «smart» casual, um blazer, camisa e calças.

Para as mulheres, é o algodão, os cabelos e vestidos soltos, maquilhagem leve, e a naturalidade. Trajes apertados, brilhantes e formais são excessivos num ambiente que se pretende descontraído.

Assoar com discrição: Sofro de rinites alérgicas, facto que me incomoda bastante visto ter de assoar o nariz regulamente. Gostaria de saber como agir quando estou num jantar formal e sinto necessidade de me assoar. Devo fazê-lo com naturalidade ou retirar-me?

Leitora identificada pela Internet

A leitora, melhor do que ninguém, saberá prever o ruído que vai fazer quando se assoar. Se quando se assoar consegue fazê-lo com discrição, é perfeitamente aceitável que o faça à mesa, desde que se desvie um pouco do lugar. Se já sabe que vai fazer muito barulho, o melhor será pedir licença para se retirar e ir à casa de banho fazê-lo.

Fonte: Revista Activa n.º 95

Modos e maneiras

Os Bons e os Maus modos de ser e estar

Todos nós temos sempre algo que nos perturba. E, por vezes, não sabemos lidar com a situação. Devemos dispor de uma solução lógica, para não arranjar nenhum conflito, com ninguém.

Os bons modos e maneiras, cabem bem, em qualquer situação e a boa educação também.

Iremos apresentar algumas dessas situações do nosso dia a dia e a sua solução. Para que melhorar a nossa maneira de ser e os bons modos.

Convidada sem par: "Estou a organizar a minha festa de casamento e estou com um problema em relação a uma das minhas convidadas. Ela é uma amiga de longa data, mas que não se relaciona, nem sequer conhece nenhum dos meus amigos ou familiares. Não tem namorado e, por isso, vai sozinha ao meu casamento. Não quero que ela se sinta deslocada e, por isso, não sei onde sentá-la durante o copo-de-água".

Mariana Souto - Leiria

Melhor que ninguém, você conhece os seus convidados e sabe qual o grupo que melhor pode "acolher" essa sua amiga que está sozinha. Provavelmente, colocá-la junto de um grupo de pessoas igualmente descomprometidas será a solução mais divertida para todos. No entanto, o mais atencioso será colocar à consideração da sua amiga as várias opções, fazendo uma descrição pormenorizada do tipo de pessoas que vai encontrar. Se fizer uma despedida de solteira, ou qualquer outra reunião de amigos antes da cerimónia, poderá ser uma boa ocasião para apresentar esta sua amiga aos outros convidados.

O cão dos outros: "Um casal de amigos meu tem um cachorro há pouco tempo. Levam-no para todo o lado e, inclusive, a minha casa quando os convido. O problema é que o cachorro está naquela fase em que gosta de roer móveis e de fazer chichi na alcatifa e eu tenho uma grande estima pela minha casa nova. Já aconteceu deixar de convidá-los por causa disso, mas sei que

não é a forma mais correcta para lidar com a situação. O que devo fazer?"



Galinha Ao Molho Pardo

Continuação da página 6

pouco de milho furtado de novo do Godofredo. Antes que o diabo do papagaio pusesse a boca no mundo eu avisei:

- Se você falar alguma coisa, mando Alzira fazer papagaio ao molho pardo para o jantar.

Ele fez cara de quem comeu e não gostou, mas ficou calado, vai ver que pensou um jeito de se vingar.

De manhãzinha, antes que a Maria lavadeira chegasse, fui até lá, levantei a bacia e peguei a Fernanda. Procurei mamãe com ela debaixo do braço:

- Olha só quem está aqui. Mamãe se espantou:

- Uai, ela não tinha sumido? Onde é que você encontrou essa galinha, Fernando?

De repente seus olhos se apertaram num jeito muito dela, quando entendia as coisas: havia entendido tudo. Antes que me passasse um pito, eu avisei:

- Se tiverem de matar a minha amiga, me matem primeiro.

Mamãe achou graça quando soube que ela se chamava Fernanda e resolveu não se importar com o que tinha feito, pelo contrário: deixou que a galinha passasse a ser um de meus brinquedos. Só proibiu que eu a levasse para dentro de casa. Fernanda seguia os passos por toda parte, como um cachorrinho.

E ela continuou minha amiga, até morrer de velha, não sei quanto tempo mais tarde.

Só sei que alguns dias depois do Dr. Junqueira, mamãe comprou frango.

- Esse vai se chamar Alberto - eu disse logo.

- Pois sim - disse minha mãe, e mandou que a Alzira tomasse conta do frango.

No dia seguinte mesmo, no almoço, comemos o Alberto. Ao molho pardo.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

DESPORTO ESCOLAR

Como é tradição, a Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos continua este ano a apostar na dinamização de actividades desportivas no âmbito do Desporto Escolar. Este ano lectivo, estão a funcionar para todos os alunos interessados, uma equipa feminina de Voleibol, uma equipa de Futsal masculino e um grupo de competição de Desportos Gimnicos. Para além destes os alunos podem ainda contar com um grupo interno de Ténis de Mesa.

É de destacar a excelente prestação da equipa de Futsal - Juvenis, masculinos, que terminou a 1ª fase da competição do C. A.E. de Leiria em 1º lugar do grupo, do qual faziam parte, para além da Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos, as escolas EB 2, 3 Miguel Leitão de Andrade - Pedregão Grande e a EB 2, 3 Dr. Bissaya Barreto - Castanheira de Pera.

No total de seis jogos realizados a equipa de Figueiró dos Vinhos averbou cinco vitórias e um empate, não tendo sofrido qualquer derrota, passando directamente para as semifinais da competição que se irão realizar no próximo mês de Abril.

Classificação final do Grupo:
1ª Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos - 17 pontos
2ª EB 2, 3 Miguel Leitão de Andrade - Pedregão Grande - 11 pontos
3ª EB 2, 3 Dr. Bissaya Barreto - Castanheira de Pera - 8 pontos



Na rua, ao desbarato

Feiras Portuguesas do Centro do País

Aqui ficam anotadas algumas feiras que pode visitar e que se encontram bem perto de si.

No mês de **Março:** dia 19 em Proença-a-Velha; dia 21 em Oleiros e do dia 26 a 31 na Lousã (feira do livro).

Móveis: dia 2 (Domingo de Carnaval) em Vila Velha de Ródão; no 2º Domingo, dia 16, em Cardigos.

Em **Abril:** dia 23 na Lousã e dia 25 na Sertã.

Móveis: no 3º Domingo em Mação.

No mês de **Maiço:** no dia 3 em Proença-a-Nova (feira de Santa Cruz).

Móveis: no 2º domingo de Maio na Lardosa (Castelo Branco) e também no dia 29 (5ª-Feira da espiga) em Areias (Ferreira do Zêzere), é conhecida como a feira do queijo.

Em **Junho:** no dia 13 em Alvaiázere e Vila Nova da Barquinha; a 21 na Lousã (esta é de sete dias); no dia 24 nas Caldas da Rainha (feira de S. João); a 29 em Idanha-a-Nova (feira de S. Pedro).

Móveis: no 1º Domingo em Vila Velha de Ródão e no 2º Domingo em Malpica do Tejo.

Fonte: Borda D'Água 2003
Editorial Minerva



Comportamento em público

OS GESTOS FATAIS

O homem é um animal de hábitos. Até aqui tudo bem. Mas quando esses hábitos interferem com o nosso bem-estar o caso muda de figura. Em todos os locais, a todas as horas, há pessoas que nos surpreendem pela sua excentricidade.

Na rua

Cuspir no chão: Ao contrário do que se pensa, não é um hábito puramente português. Mas seja que em língua for, é sempre abominável ter de "assistir" a este espectáculo.

Fazer chichi na rua: Nas árvores, nas esquinas, atrás dos automóveis. Qualquer sítio é bom para eles se aliviarem. "não consigo aguentar". É a desculpa deles. Palavras para quê?

As manchas amarelas espalhadas pela rua dizem tudo.

Deitar lixo no chão: Só o trabalho de levar o lixo até ao caixote mais próximo não compensa. É muito mais bonito a decoração "naif" que algumas pessoas insistem em querer fazer pelos diferentes sítios. Destaque particular para as pastilhas elásticas. Ficam lindas colocadas nos passeios.

Cascas e restos de fruta biodegradáveis: Com a desculpa de serem biodegradáveis. Não adianta tapar o sol com a peneira. Suja na mesma.

Nos transportes

"Olha cuequinha da menina!": Algumas senhoras sentam-se de "joelhos afastados", expondo por vezes, segredos que deviam de estar bem guardados. No Verão pode até ser muito fresco, mas, convenhamos, pode ser um choque para a pessoa que estiver sentada em frente.

"Vem aí o caterpillar": É o que se pode dizer com aquelas pessoas que gostam de levar tudo à frente.

É só uma palavrinha, com três sílabas apenas: "licença". Não custa nada dizer e é capaz de mover mundos e fundos. Já agora, obrigado a seguir cai sempre muito bem.

"vou já sair na próxima": E depois ficam na porta de saída a impedir todas as outras de saírem com tempo e espaço...

A falar

Você sabia, tu sabias: Conversas trocadas. São ao que soam aquelas diálo-

gos com as pessoas que nos tratam por você, quando nós já passámos para a fase do tu. E mesmo que continuemos a insistir que "por favor, podes tratar-me por tu", é muito mais, sei lá, chiquerrimo, tratá-la por você.

"Já acabou de tirar as medidas": Parece desprezo. Soa a pedantismo. Mas é mesmo falta de educação. Olhar de alto a baixo uma pessoa quando se está com ela. Se quer observar roupinha, o corpinho, os pormenorinhos, seja discreta.

"Eu não sou surda": Não é preciso falar aos berros. Não tom mais maneirinho também se consegue fazer ouvir.

"Blá, Blá, Blá": Existem para aí umas pessoas que falam, sem darem ao seu parceiro a oportunidade de abrir a boca. Há quem tente até medidas mais desesperadas, como, por exemplo, começar a falar ao mesmo tempo, para ver se a outra se cala. Mas nada cala as "gralhas".

"Sabes o que é que a ... me disse ontem?": Conversas privadas à frente de outras pessoas, enfim... Privadas quer dizer em privado, e não à frente de outras pessoas, que certamente irão sentir-se ligeiramente incomodadas por serem "obrigadas a participar" em conversas alheias.

"Chega pra lá!": Falar com a cara praticamente encostada à da outra pessoa não é, por mais que pareça, sinal de grande intimidade. É só bastante inco-modativo.

Nos restaurantes

"Tem por aí um palito?": Não há nada mais desagradável do que ter de ver, além de ouvir, aquelas pessoas que palitam os dentes com a... língua. Ai, meu Deus!

Comida e saliva = boca fechada: É uma mistura natural, quando é feita às escondidas e com a boquinha bem fechada. Mas há pessoas que parecem não perceberem isso e insistem em mostrar ao mundo o que lhes vai na "alma".

"Espero que o meu bife não incomode o seu fumo": Vivemos num país livre quanto aos hábitos tabagistas (por enquanto). Mas há limites. Fumar e atirar o fumo para cima dos outros é bem chato principalmente quando o outro tem um prato de comida à frente.

Parque infantil: Nós não temos nada contra as crianças. São o melhor do mundo, não é verdade? Mas quando berram aos ouvidos dos outros, quando se esfregam no chão do restaurante quando insistem em fazer birras e brincar com a comida, a paciência acaba. Crianças nos restaurantes sim, mas à mesa e, de preferência, quietas.

No supermercado

"Um livro no meio da hortaliça?!": Andar a tirar produtos das prateleiras para depois não os levar e largá-los mais tarde nos sítios mais absurdos é uma atitude frequente nos supermercados e nas pessoas que não sabem o que querem.

Um carrinho mal estacionado: Outra muito engraçada são os carrinhos largados no meio dos corredores que impedem a circulação das pessoas.

Mais de 10 produtos para a caixa expresso: As caixas expresso foram feitas para que as pessoas que pretendem comprar pouca coisa não percam muito tempo à espera para pagar. Mas há pessoas que não percebem isto e, pior, são os empregados que também fecham os olhos.

Cumprimentos

"Não te vi": Existem pessoas com quem perdemos o contacto e, quando passados alguns anos, as encontramos, somos capazes de passar para o outro lado do passeio, só para não as cumprimentar. Vá lá! Certamente que um: "Olá, tudo bem?" não é pedir muito. Vai ver que até a vão achar uma pessoa muito simpática.

Ficar pendurada: Porque é que há pessoas que existem em cumprimentar só com um beijo? Quer dizer o quê, afinal?

Que moleza! Diz-me muito acerca da personalidade de uma pessoa pela forma como ele dá o aperto de mão. Há pessoas que parecem ter "nojo" de tocar nas outras pessoas. Meio a fugir; estendem as mãos para serem (mal) tocadas pelos outros.

"É o Francisco, o meu irmão": Vamos com um amigo, com uma colega ou outra pessoa qualquer que, de repente, encontra uma pessoa amiga, com quem se põe na conversa amigavelmente e não nos apresenta essa pessoa. Já lhe aconteceu algo semelhante? Apresente-as. É tão simples.

Na praia

Rodeada de estranhos: É simplesmente enervante (mas mesmo enervante) escolher um sítio na praia, meio deserto, afastado de outras pessoas e, de repente, zás, leva com uma família inteira. Provavelmente têm medo de estarem sozinhos, coitadinhos! Se têm medo comprem um cão!!! Em cima de mim é que não!

"Tiiolos" aos berros: A praia foi criada para "curtir" a Natureza, o mar, o sol e, sobretudo, o som do mar. Não é para ouvir música aos altos berros, se quer ouvir música, compre uns auscultadores. Assim não chateia ninguém.

Melos e marmelos: "Está bem que não é nada connosco e que não somos nós que estamos ali, mas, por favor!" até como a forma como se desmonta o carinho em público deve ter (alguns) limites. Ele em cima dela, ou ela em cima dele, com a toalhinha a tapar alguns inconvenientes, enfim...

Isso devia ser em casa, não é?

"Olha bola": Os jogadores são outros que acham que têm mais piada jogar em cima das pessoas. Ele é a bolinha do beachball, ele é a bola de futebol, ele é o disquinho voador. Ele é uma maravilha!

"É só um chichi!": Pôr crianças à beira-mar a fazer chichi ou cocó, com a desculpa de que são bebés... não há comentários.

"Bobi, anda cá à dona, larga a perna do senhor!": Eu também tenho um cãozinho e também gosto muito de o levar à praia (ele adora o mar!), mas tento, quando o levo, que ele não incomode as pessoas, e quando faz as suas necessidades, tenho o cuidado de apanhar. Importa-se de fazer o mesmo? A gerência agradece.

Jipes na praia: Está muito na moda andar a passear pelas dunas com o jipinho do papá. Além de estragarem as dunas, é muito chato estar descansada na praia (supostamente para relaxar) e ter de "levar" com o tubo de escape e com os carros a passear na praia. Não há pachorra!

Jet Sky na água: E isto para não falar nas motas de água, que passeiam dentro de água bem perto de quem toma banho, que empestam o ambiente com o cheiro a gasolina e fazem um barulho infernal. Para bem longe da praia, está bem?

No cinema

Pipocas e outras que tais: O cinema foi feito para ver filmes. Sem ruído, sem barulho e, principalmente sem comida. Além de ser proibido por lei, de acordo com o decreto-lei, é bastante incomodo estar numa sala e ter de levar com o cheiro e o barulho de quem come pipocas, ou outra coisa qualquer. Se querem comer vão ao sítio certo. No cinema não!

"Dá-lhe um soco!": Silêncio, por favor, que se vai ver cinema! Eu pensava que ir ao cinema era para ver filmes. Mas há pessoas que pensam de forma diferente. Para elas aquilo é uma autêntica sala de convívio, onde aproveitam para pôr a conversa em dia ou tecer considerações acerca dos actores e da história. E sempre em voz alta (o que numa sala de cinema não é difícil).

"Ai, desculpe!": isto quando pedem. Estar no cinema tranquilamente, e levar um pontapé nas costas da cadeira, digamos, não deve ser o sonho de muita gente. Mas acontece. E com alguma frequência. Só é preciso um pouco de cuidado para que, enquanto cruza e descruza as pernas, não acerte no vizinho da frente.

No ginásio

"Chega para lá!": estamos nós descansadas a fazer a nossa ginástica e vem uma alminha para cima de nós, obrigando-nos a ter cuidado para não lhe dar um pontapé (a fazer os exercícios, claro).

"A senhora importa-se?": Ficar com o balneário todo para si e ocupar todos os cabides, como se fosse a única pessoa a querer pendurar roupa, não é muito conveniente.

Em geral

Filas de espera com gente colada: Já experimentou certamente a sensação de ter alguém colado às suas costas numa fila? É desagradável, não é? Para a próxima explique-lhes que eles não perdem a vez e que você até aprecia não ter um estranho colado a si.

"Olh'ó sapo!": Em algumas culturas arrotar a seguir a uma boa refeição é tradicional e até de bom-tom. Mas aqui, no nosso jardim à beira-mar plantado, é uma grandiosíssima falta de educação.

Pessoas que chegam atrasadas: Horas e horas à espera. Não é preciso ter pontualidade britânica, mas deixar alguém à espera mais do eu seria conveniente é mau. Muito mau.

Pessoas que resolvem não aparecer: Para não falar daquelas pessoas que resolvem nem sequer aparecer e não têm a dignidade de avisar: "Olha não me apeteceu" é a resposta mais frequente.

Tirar a cuequinha do rabo: Claro que por vezes elas incomodam porque se alojam onde não deviam, mas tirá-las à frente, de toda a gente... enfim. "Ajeite-



Trabalho Simplificado

por Teresa Marques, in "O Melhor da Arrumação", 2001

Se lhes dessem em opção duas semanas de férias nas Caraíbas (com tudo pago) ou os mesmos quinze dias para entregar um relatório complicadíssimo e feito em casa, o que escolheria? O relatório não seria com certeza!

Indêpendentemente de gostarmos imenso, ou não, daquilo que fazemos profissionalmente, há sempre coi-

sas mais interessantes para passar o tempo. Mas que podemos fazer? Temos mesmo de trabalhar para viver (pelo menos 99,99 por cento de nós tem) e, já que assim é, mais vale que o façamos da forma mais confortável e organizada possível.

A realidade de trabalhar em casa, seja fora de ho-

ras de expediente ou em regime exclusivo e reite-rado, está cada vez mais presente nas nossas vidas. Não é assim pouco frequente que se destine toda uma divisão da habitação para criar um escritório, onde livros, papéis, computador e todos os demais apetrechos de trabalho se encontram. E mesmo quando não existe uma área autónoma disponível vêmo-nos por vezes obrigados a criar na sala uma zona para o efeito. Aliás, estima-se que a maioria dos portugueses tem o computador na sala comum...

Percebe-se bem porque a boa organização é em todos estes casos, fundamental. Por um lado, temos o ponto de vista estético. Um escritório em casa tão desarrumado que até "dá medo" de lá entrar não é com certeza, o mais indicado. Por outro, há sempre que pensar na forma de desenvolver o trabalho com a máxima eficácia, quanto mais não seja para o "despacharmos" o mais rapidamente possível. E, para o conseguir, não há como tudo (bem) arrumar!

Tire partido dos cheiros da terra Utilize-os

Já pensou em substituir o sal, a pimenta e outros temperos que muitas das vezes o/a podem levar desta para pior? Com certeza que não...

Por que não, voltar de novo à Idade Média? E pergunta você porquê?

Foi nessa época que começaram a ser usados os coentros, a salsa, a hortelã, entre outros, para que a comidinha ficasse bem adubada.

Por exemplo, o sal, como é do nosso conhecimento, é o infernal provocador de hipertensões e muitas outras chatezas que o nos são prejudiciais à nossa saúde!

Deixe-se levar pelos seus dotes e saberes culinários e meta mãos às ervas e plantas nascidas pela força da terra!

Deixo-lhe aqui alguns conselhos de como utilizar algumas das mais conhecidas plantas aromáticas.

O Anis: Começou a ser cultivado pelos egípcios, depois pelos gregos e romanos; era utilizado para afastar o espírito do mal. Serve para aromatizar bolos, sobremesas e marinadas de peixe.

Os Coentros: Foram encontrados em alguns túmulos do Antigo Egipto e os chineses tinham-no como o dador da imortalidade. Utilizam-se em sopas, saladas e como aromatizador de marinadas. Também serve para a preparação de certos licores.

O Estragão: Deu entrada na Europa pelos árabes. Naquele tempo era o curador das mordeduras de serpentes, escorpões entre outros bichos. É o ideal para bifés, pratos de aves, ovos e molhos.

O Funcho: Os romanos apreciavam as suas qualidades condimentícias e medicinais. Houve quem o utilizasse na Idade Média contra as bruxas e maus-olhados em noite de São João. É aconselhada a sua utilização em pratos de peixe ou de carne de porco e vitela.

O Orégão: Serve para aromatizar sopas, pratos de carne e saladas, principalmente a de tomate.

O Alecrim: Na Antiga Grécia era utilizado pelos estudantes que faziam grinaldas para ajudar a memória durante os exames. Utiliza-se em pratos de carne e de caça.

As Azedas: Foram aconselhadas pelos médicos de Antiga Roma, para a cura



de doenças de rins. São utilizadas, cruas, em saladas, cozinhadas, em puré e sopas.

O Cebolinho: Plínio acreditava que uma infusão dos seus grãos em vinagre era a cura certa para os soluços. Utiliza-se em sopas, pratos de peixe, fricassés e molhos.

A Salsa: "Quem a coma em Maio, viverá para sempre". Este é um velho provérbio inglês. Aconselha-se em pratos de carneiro, leitão, ganso e pato bravo.

A Hortelã: Era utilizada para perfumar certos molhos e também como remédio santo para mordeduras de cães raivosos, quando misturadas com sal. Essencial para o preparo de algumas sopas e pratos de carne.

O Louro: Coroa de louro estavam reservadas aos heróis e poetas. Utiliza-se em estufados, guisados de carne ou de peixe, em caldos e molhos.

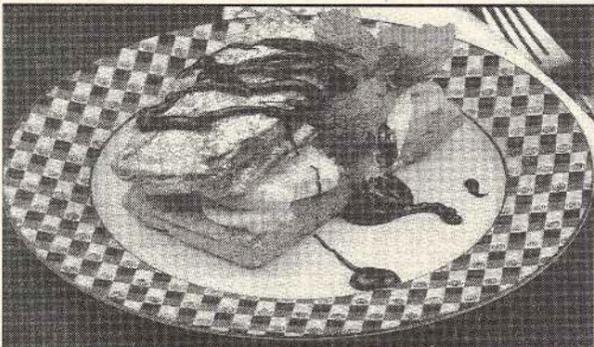
O Manjerico: É aconselhado o seu uso em manteigas trabalhadas, omeletas e pratos de massa. No caso das massas e à falta de manjerico pode, e deve, substituir por manjerico.

A Manjerona: É utilizada para saladas. Originária do Norte de África.

A Salsa: Os gregos de Antiguidade usavam-na nas coroas mortuárias e nas grinaldas dos vencedores. Serve para confeccionar pratos de peixe, carne, aves e de marisco. Também serve para temperar saladas. Com a salsa faz-se a famosa manteiga de *maitre d'hotel*.

O Tomilho: Foi difundido na Europa pelos romanos que o utilizavam na cozinha, igualmente os gregos. Utiliza-se em sopas, guisados, grelhados e alguma caça.

Sofia Francisco, 12ª E



Quer fazer uma boa refeição?

Sopa fria de hortelã

- ♣ 2 pepinos médios
- ♣ 1 cebola pequena
- ♣ 2 dentes de alho
- ♣ 4 folhas de hortelã
- ♣ 5 decilitros de iogurte natural
- ♣ 3 decilitros de caldo de galinha
- ♣ Natas
- ♣ Sal
- ♣ Pimenta

Descasque e triture o pepino. Pique miudamente a cebola, o alho e a hortelã e junte ao puré de pepino. Junto o iogurte, o caldo de galinha e tempere a gosto de sal e pimenta. Conserve a sopa no frigorífico até ao momento de a servir. Sirva a sopa deitando em cada prato uma colher de nata batida e decorada com uma folhinha de hortelã.

Estufado de Santo André

- ♣ 1,5 kg de pedaços de carne de vaca de segunda (carne da aba, pescoço ou alcatra)
- ♣ 2 cebolas
- ♣ 4 cenouras
- ♣ 1 ramo de cheiros
- ♣ 2 cravos de cabecinha
- ♣ 1 litro de vinho tinto
- ♣ 12 coiratos grossos
- ♣ 12 cebolinhas
- ♣ 4 dentes de alho
- ♣ 1 ramo pequeno de salsa
- ♣ Sal, pimenta moída na altura

Na véspera: descasque e corte as cebolas em quartos. Pique um dos dois cravos de cabecinha. Descasque as cenouras e corte-as em rodelas. Corte a carne em cubos de 4 cm. Ponha a carne, o ramo de cheiros, as cebolas e as cenouras num prato fundo, regue com vinho tinto e deixe marinar duran-

te 12 horas no frigorífico.

No próprio dia: lave e escorra a salsa. Pique os cebolinhas e os dentes de alho. Escorra a carne e passe a marinada por um passador. Cubra o fundo de um tacho com coiratos. Vá alternando uma camada de carne com a salsa, sal e pimenta até esgotar os ingredientes. Regue com o vinho tinto da marinada. Cubra com coiratos. Leve a ferver em fogo brando. Aos primeiros indícios de fervura, cubra, baixe o lume e deixe cozer durante cerca de 6 horas.

Folhado com recheio de banana e chantilly

- ♣ 1 embalagem de massa folhada (congelada)
- ♣ 4 bananas
- ♣ Sumo de limão
- ♣ 2 dl. De chantilly
- ♣ 100 g. de chocolate
- ♣ 1 colher (sopa) de manteiga
- ♣ Folhas de hortelã fresca, para

uma superfície lisa e enfarinha, com o auxílio de um rolo de abrir massas, também ele enfarinhado.

Corte a massa em retângulos e coloque-os num tabuleiro forrado de papel vegetal.

Leve ao forno quente e deixe que a massa coza.

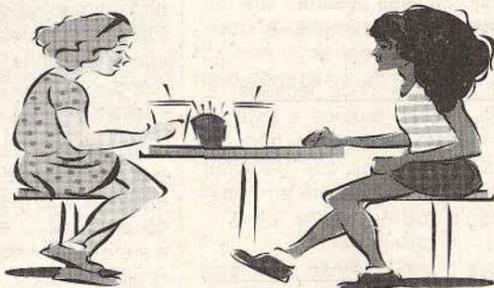
Prepare o chantilly. Para isso, é só obter as natas até dobrarem de volume e juntar-lhes açúcar em pó, batendo um pouco mais.

Descasque as bananas, limpe-as de fios, corte-as em rodelas e borrafe-as de sumo de limão para não escurecerem.

Abra os folhados em folhas e recheie-os de banana e chantilly.

Parta o chocolate em pedacinhos e leve estes com a manteiga e a nata não lume, em banho-maria, a derreter.

Trabalhe o chocolate, de modo a ficar liso e brilhante.



decorar

Descongele a massa folhada à temperatura ambiente. Estenda-a levemente sobre

Regue os folhados, já em-
pratados, com o chocolate quente.

Decore com hortelã fresca.



FRASES CÉLEBRES

"A igualdade pode talvez ser um direito, mas nenhum poder na terra pode transformá-la num facto."

Honoré de Balzac

"A mediocridade nada conhece que lhe seja superior, mas o talento reconhece imediatamente o génio."

Arthur Conan Doyle

"A igualdade pode talvez ser um direito, mas nenhum poder na terra pode transformá-la num facto."

Honoré de Balzac

"A mediocridade nada conhece que lhe seja superior, mas o talento reconhece imediatamente o génio."

Arthur Conan Doyle

Sa-
que...

bias

O animal mais rápido é a chita, chegando a atingir 113Km/h. ...enquanto que um cavalo de corrida faz no mesmo período de tempo cerca de 76 Km. E que dizer do caracol, que para fazer 100m precisa de duas horas?!

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos
Existe, sim: mas nós não a alcançamos.
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos

Vicente de Carvalho
Poeta brasileiro

Eu não sou um nem sou o outro
Sou qualquer coisa de intermédio
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.

Mário de Sá Carneiro

Arroz do céu

Continuação da página 7

de perguntar: "A como está hoje o arroz de primeira cá na freguesia?"

Aquela chuva de grãos atravessa as grades, resvala no plano inclinado do respiradouro, e, se não adere à sujidade pegajosa ou ao chewing gum (o bairro é pouco dado a mastigar o chicle), ressalta para dentro do subterrâneo, numa estreita passagem de serviço vedada aos passageiros.

A primeira vez que viu aquele arroz derramado no chão, e sentiu os bagos a estalar-lhe debaixo das botifarras, o limpa-vias não fez caso; varreu-os com o resto do lixo para dentro do saco cilíndrico, com um aro na boca. Mas como ia agora por ali com mais frequência, notou que a coisa se repetia. O arroz limpo e polido brilhava como as pérolas de mil colares desfeitos no escuro da galeria. O homem matutou: donde é que viria tanto arroz? Intrigado, ergueu os olhos pela primeira vez para o Alto, e avistou a vaga luz de



masmorra que escorria da parede. Mas o respiradouro, se bem me compreendem, obliquava como uma chaminé, e a grade, ela própria, ficava-lhe invisível do interior. Era dali, com certeza, que caía o arroz, como as moedas, a poeira, a água da chuva e o resto. O limpa-vias encolheu os ombros, sem entender. Desconhecia os ritos e as elegâncias. No casamento dele tinha havido arroz de qualidade nenhuma, nem cru, nem doce, nem de galinha.

Até que um dia, depois de olhar em roda, não andasse alguém a espia-lo, abaixou-se, ajuntou os bagos com a mão, num montículo, e encheu com eles um bolso do macaco. Chegando a casa, a mulher cruzou as mãos de assombro: alvo, carolino, de primeira! Dias depois, sempre sozinho, varreu o arroz para dentro de um cartucho que apanhara abandonado num cesto de lixo da estação, e levou-o para casa. Pobres, aquela fartura de arroz enchia-lhes a barriga, a ele, à patroa e aos seis ou sete filhos. Ela habituou-se, e às vezes dizia-lhe: "Vê lá se hoje há arroz, acabou-se-nos o que tínhamos em casa." Confiada naquele remedeio da vida!

O limpa-vias nunca perguntou donde é que chovia tanto grão, sobretudo no bom tempo, pelo Verão, e aos domingos, que até parecia uma colheita regular. Embrulhava-o num jornal ou metia-o num cartucho, e assim o levava à família. Ignorando que lá em cima era a Igreja da São

João Baptista e do Santíssimo Sacramento, e como tal de bom-tom, não sabia a que atribuir o fenómeno. Pelo lado da raiz, no subway, os palácios, os casebres e os templos não se distinguem.

E foi assim que aquela chuva benéfica, de arroz polido, carolino, de primeira, acabou por lhe dar a noção concreta de uma Providência. O arroz vinha do Céu, como a chuva, a neve, o sol e o raio. Deus, no Alto, pensava no limpa-vias, tão pobre e calado, e mandava-lhe aquele maná para encher a barriga aos filhos. Sem ele ter pedido nada. Guardou segredo - é mau contar os prodígios com que a graça divina nos favorece. Resignou-se a ser o objecto da vontade misericordiosa do Senhor. E começou a rezar-Lhe fervorosamente, à noite, o que nunca fizera: ao lado da mulher. Arroz do Céu...

O Céu do limpa-vias é a rua que os outros pisam.

José Rodrigues Miguéis
Gente da terceira classe, Contos da Língua Portuguesa

Comportamento em público OS GESTOS FATAIS

Continuação da pág. 9

se "em locais discretos e próprios.

Não respeitar horários de sono: Pessoas que nos ligam às 8h da manhã de um fim-de-semana. Amigos que nos telefonam à 1h da manhã durante a semana de trabalho. "No comentários".

Caçar o "material": Sem vergonha nenhuma e com o máximo dos descaramentos é próprio dos homens, novos ou velhos, e até de algumas mulheres. Ai, meninos...

Espirrar ou tossir para cima dos outros: A senhora está constipada, até tenho muita pena, mas não quer dizer que eu tenha de levar com os seus micróbios. Ponha a mãozinha à frente e vire a cara para lá, por favor.

No carro
"Hoje há baile?": Existe um fenómeno muito interessante, que se passa com todos (raras são as excepções) os condutores. As filas de trânsito, parados

nos semáforos, lá estão eles em afinçadas limpezas ao nariz. Ele é macaquinho para aqui, ele é macaquinho para ali. Ele é uma grande macacada para todo o lado!

"... parti a janela!": Decorada com outro vocabulário (mais impróprio) foi o que disse um antigo presidente de um clube de futebol que, quando entrevistado em directo, resolveu atirar a garrafa de água vazia pela janela... fechada. Quantas vezes não lhe aconteceu ir na estrada e, de repente, ver sair, do carro da frente, uma garrafa de água, um pacote vazio, um guardanapo...

"é só um minuto!": Dizem os engraçados que estacionam atrás dos outros impedindo-os de sair. É muito inconveniente principalmente quando estamos com pressa. Será que é muito penoso andar mais um bocadinho para estacionar correctamente?

Para os gordos: E depois há aqueles que pensam que são os únicos a querer estacionar e, por isso, ocupam despreocupadamente dois lugares, chegando ao cúmulo de estacionar por cima das linhas divisórias.

"Esse lugar é meu!": existem certamente pessoas na sua rua que raramente tiram o carro do lugar. Quando o fazem, ficam furiosos, quando alguém se "atreve" a estacionar o automóvel no lugar deles. Oh, meus senhores, a rua é de todos.

"Eles olham para a esquerda e pisca, pisca...": Há condutores que acham que aquele manipulozinho do lado esquerdo do volante tem apenas um efeito decorativo. Não tem. Serve para indicar quando se muda de direcção (do carro, claro!).

O telemóvel
Nos restaurantes: Estamos nós muito bem a saborear a nossa refeição e em amena cavaqueira e, lá está, um telemóvel a tocar. Será que já não podemos comer em paz?

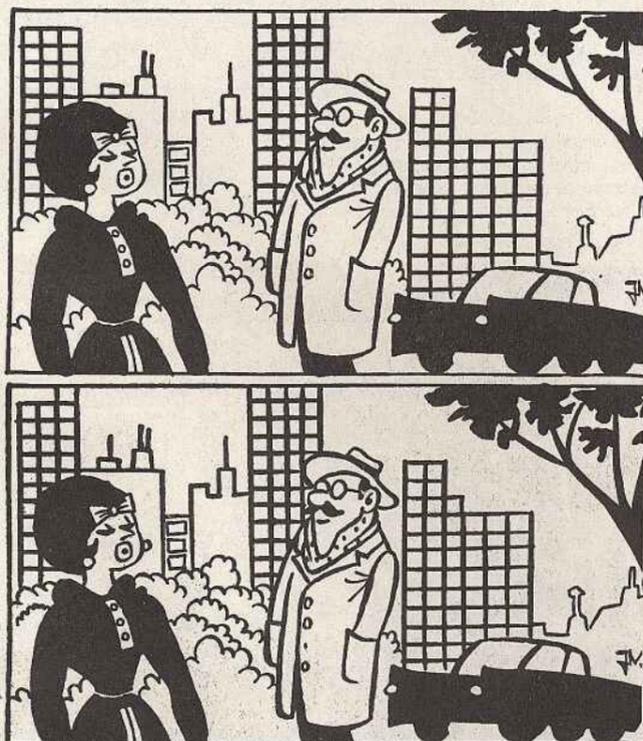
Nas salas de espectáculo: Para não falar no teatro ou concerto e ter de aturar a música de fundo do telemóvel de alguém que se acha tão importante que precisa de estar sempre contactável.

Nos cinemas: Chega!! De uma vez por todas desliguem os telemóveis!

Nos automóveis: Quem conduz enquanto fala no telemóvel tem quatro vezes mais hipóteses de sofrer um acidente de viação? E além disso é proibido por lei.

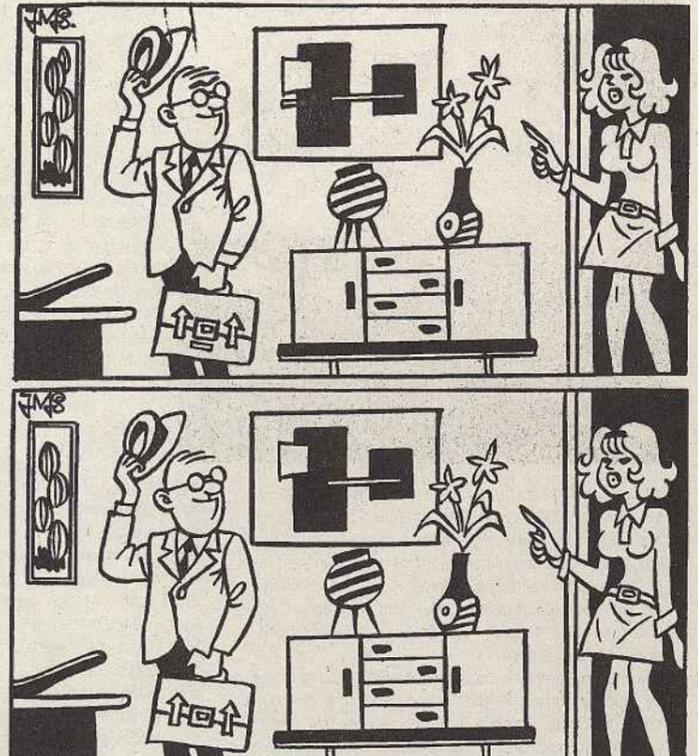
Nos aviões: Sabia que os telemóveis ligados dentro dos aviões podem causar a queda destes? Já aconteceu, sabia? Basta estar ligado, sabia? Vá lá, de uma vez por todas, desligue o aparelho!

Fonte: Revista Activa n.º 95
12ªE



Descubra as sete diferenças

- SOLUÇÕES
1. Janela
 2. Chaminé
 3. Janela
 4. Arvoredo
 5. Botão do homem
 6. Ramo da Arvore
 7. Brinco





Festa da Maia 1989



Festa da Maia 1989



Desporto Escolar 1993

Da História e da Memória Da nossa escola

Continuação da primeira página

tou a "cumprir aulas". Antes tirou partido do que, em cada ano, se ensinou. Indo mais longe, aproveitando na prática e no imediato, aquilo que, pelo menos em teoria, terá sido aprendido. Por dois moti-

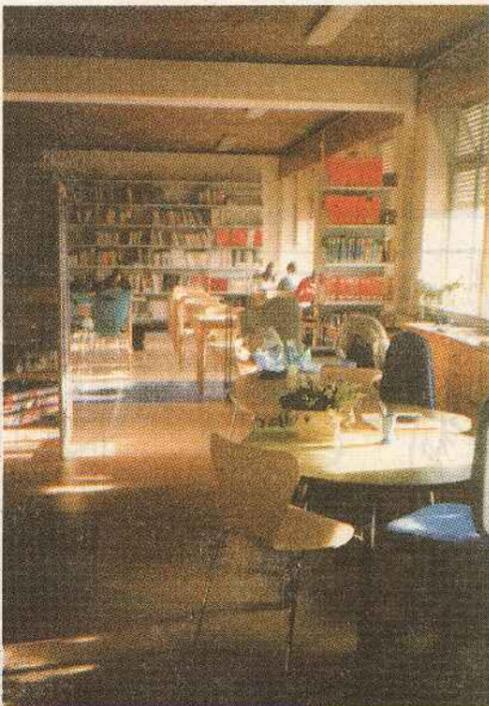
vos: porque se justifica, de certo modo, a razão verdadeira dos porquês do que os alunos ouviram e assimilaram; e, simultaneamente, reformulando, em espaços lúdicos, o que, em cada data, foi realidade. No fun-

do, trata-se de trazer, para o hoje o que foi ontem, fenómenos passados, insuflando-lhes um conjunto de recordações.

Assim nasceu a ideia, quase em jeito de uma recapitulação. Temas a desenvolver em edições seguintes.

O Regresso à Biblioteca

Continuação da primeira página



lugar para descansar, apareçam na nova Biblioteca da escola.

Paulo Nunes, Carla Nunes - 12º E

A nossa nova biblioteca

Actualmente, ao entrarmos na biblioteca da Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos, deparamo-nos com uma total remodelação.

O Conselho Executivo da nossa escola tomou a iniciativa de modificar a imagem do espaço que os alunos e professores utilizam para se dedicarem aos seus estudos.

Partindo da pintura até à disposição do novo mobiliário, tudo foi alterado. O chão deixou de ser alcatifa para passar a ser de um material chamado Vinil; as antigas mesas e cadeiras foram trocadas por outras em madeira de pinho e também por cadeiras (umas de cor azul e outras de cor verde).

Os computadores também mereceram novas mesas e localização. Na sua companhia foram colocadas duas televisões e respectivos vídeos onde os utentes da escola podem assistir a cassetes ali existentes.

A nosso ver as novas mudanças estão bem executadas e vieram trazer um novo e melhor ambiente de trabalho.

* Vânia Gonçalves, Sofia Francisco e Nuno Dias, 12ºE

A nova biblioteca da escola

deiras com formas irregulares, que despertam o interesse comum dos alunos. Nas paredes, predomina um branco tranquilizante. Algumas das estantes estão bem colocadas, visto que oferecem maior privacidade a quem utiliza os computadores com Internet. Esta oferece ainda um leque variado de novos filmes, que poderão ser visualizados por um sistema de vídeo que a escola colocou à disposição dos alunos.

Na nossa opinião, a decoração da Biblioteca está feita de modo a agradar a todo o tipo de gostos. As novas cores transmitem alegria e harmonia. Por isto mesmo sempre que precisarem de um pouco de silêncio e de um

A nossa escola aproveitou o facto de entrarmos em férias de Natal para renovar a Biblioteca. Embora a sua renovação tenha demorado algum tempo, a verdade é que valeu a pena. Hoje, ela faz inveja a qualquer um que a visite.

Em tempo passado tinha um aspecto "morto". Agora, vence e tem um aspecto mais jovem.

Esta Biblioteca é dividida por três partes: a sala de estudo onde, as mesas ao contrário das anteriores, estão disponíveis para um ou dois alunos, o que traz um maior aproveitamento para os alunos. As estantes são de madeira o que dá um ar mais

agradável. Nesta sala as cores que reinam são o azul. A sala dedicada aos trabalhos de grupo está de forma mais organizada, pois os computadores e Internet estão numa só parte que não interferem na concentração dos outros alunos. Dentro da mesma sala temos presentes os audiovisuais. Aqui a cor é diferente da sala anterior. A cor que se destaca é o verde. Um ponto que merece uma especial atenção é a recepção. Nesta temos uma pequena "sala de estar", que dá uma maior vivacidade a esta Biblioteca.

Concluimos assim, que por vezes temos de mudar o "visual" às coisas para nos sentirmos bem.

*Carina Rodrigues, Marylene Gonçalves - 12º E

Biblioteca mais atractiva

Porque o incentivo ao estudo nunca é demais, foi remodelada a biblioteca da nossa escola, a esse fim. Acreditamos plenamente que essa inovação seja um ponto a favor para o sucesso dos jovens estudantes que lá se encontram nas horas de tempos livres, que aproveitam para estudar algumas matérias não tão bem aprendidas ou ler algo que seja benéfico para a sua aprendizagem.

Achamos que esta nova aparência veio suscitar interesse por parte de todos, incluindo a dos professores. Agora com novas cores e feitiços, nota-se nos alunos um maior interesse e vontade de permanecer na nossa biblioteca. Um outro incentivo, e talvez um dos mais

importantes, foi a instalação da "gloriosa" Internet. Pois ajuda no desempenho das capacidades dos alunos, visto estarmos num local geográfico em que não existe muito desenvolvimento tecnológico por parte dos mais pequenos.

Com esta nova apresentação, é possível melhor pesquisa para elaboração de trabalhos, acreditando assim na melhoria das classificações por parte dos alunos.

Falando também nalgum material novo que está à disposição de todos quanto a visitarmos, podemos dizer que também é bastante atractivo e inovador. Agora é-nos possível assistir a cassetes de vídeo, dos assuntos mais variados, desde o mundo animal à biografia de alguns dos mais conceituados autores de obras bastante conhecidas e também estudadas na escola.

Não vamos massacrar os nossos leitores com informação acerca de como está disposta a nossa biblioteca, mas sim despertar interesse para a sua visita.

Já diz o ditado "ver para crer", e assim, apelamos ao seu lado mais culto e convidamo-lo a visitar o nosso novo espaço de estudo: a nossa biblioteca.

*Manuela Freire, Cristina Antunes, 12ºE

